

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL

ANTÔNIO MARTINS VITOR JÚNIOR

MILITÂNCIAS: ANDARILHANDO POR TERRITÓRIOS DE VIDA

VITÓRIA

2015

ANTÔNIO MARTINS VITOR JÚNIOR

MILITÂNCIAS: ANDARILHANDO POR TERRITÓRIOS DE VIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial da obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional. Orientador: Prof. Dr. Fábio Hebert da Silva. Co-Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Coelho Heckert.

VITÓRIA

2015

ANTÔNIO MARTINS VITOR JÚNIOR

MILITÂNCIAS: ANDARILHANDO POR TERRITÓRIOS DE VIDA

Vitória, 31 de agosto de 2015.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio Hebert da Silva

Universidade Federal do Espírito Santo

Orientador

Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Coelho Heckert

Universidade Federal do Espírito Santo

Co-Orientadora

Prof.^a Dr.^a Silvia Vasconcelos Carvalho

Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dr.^a Maria Elizabeth Barros de Barros

Universidade Federal do Espírito Santo

A tudo e a todos que me ataçam ao andarilhar.

- AGRADECIMENTOS -

Dias intensos marcaram esses últimos dois anos. Andei. Cultivei bolhas no pé e tremores nas certezas por efeitos das andarilhagens. Cantei na rua, dancei na esquina, beijei nos cruzamentos. Amei. Senti os ventos de liberdade acariciarem minha face: não porque estava em um lugar prometido, mas sim porque estava acompanhado. E quando estamos acompanhados, sempre inventamos lugares inusitados.

Tantas e tantas pessoas comigo nessa jornada. Amigos de tantos territórios. Conjugamos os verbos da vida em quase todos os tempos verbais. Conheci pessoas que não acreditavam em tempo, outras que não acreditavam em acreditar. Conheci, ainda, outras tantas que acreditam na vida. E as que vivem, riem e sonham, sem aterem-se muito nas crenças. Fiz amigos por uma vida. Fiz amigos por uma tarde. Fortaleci amizades de outrora. Fui surpreendido; fiquei sem voz. Fui convidado a falar. Não recusei convites - ao menos os bons convites.

Ao tudo vivido, minha profunda gratidão. Destaco, aqui, algumas das muitas pessoas que me foram caras companhias nesse percurso.

À Ana Heckert, andarilha por excelência, mestra da mais significativa importância e parceira de sonhos e viagens. A ela todo respeito e admiração. À Silva Carvalho pelas preciosas dicas e pelas sempre carinhosas conversas. À Beth Barros pela generosidade sem fim que nos inspira em mais e mais caminhar. À Lilia Ferreira Lobo pela atenção com este trabalho. Ao Fábio Hebert pela amizade e disponibilidade que tanto nos encanta e, sobretudo, por ter aceitado com sorriso nos lábios e um sim na ponta da língua o convite a andarilhar conosco.

Aos parceiros históricos do Projeto Redes no Território e do Humaniza SUS. Aos sempre aliados do grupo de orientação Giraia Laborde, sobretudo a Fernando Schubert, Ricardo Menezes, Keli Lopes e Giselly Martins.

Aos queridos amigos de todos os tempos do *Projeto Andarilhos*: Ana Heckert, Diego, Gil, Lígia, Allana, Luísa, Mayara, Sara, Gabriela, Dayana, Camila, Taís Peres, Thaís Genelhu, Gabriel, Camille, Carol, Tuhany; aos novatos Marcelo, às Isabelas, aos Lucas e aos muitos outros que possam vir. Destaco aqui, entre os parceiros do projeto, a

grande amiga Isabel Valli, que sempre eletriza os circuitos andarilhantes, vislumbrando caminhos mais alegres. Obrigado, Bel, por contagiar de beleza os passos dados no andarilhar. A todos os andarilhos e andarilhas minha gratidão sem fim: levo-os em meu peito.

Agradeço profundamente aos amigos da rua. Àqueles que talvez não lerão essa dissertação mas que me ajudaram a ler um mundo ao revés e a construir um andar outro, tão caro a esse trabalho e à minha vida. Aos parceiros de militância: ao Movimento Nacional de População de Rua do Espírito Santo, à Escola Admardo Serafim de Oliveira, à AMARIV, ao Fabian e à Keila por tantas subversões.

À Cariacica e ao povo de lá, por permitir tantos aprendizados quando ainda no Projeto Redes no Território e, posteriormente, no Humaniza SUS. Ao Coletivo Capixaba de Psicólogos Desempregados e ao Coletivo Cabelação. Aos parceiros da Casa da América Latina do Espírito Santo e aos amigos dançantes da Academia de Dança Emerson Barreto.

Aos queridos da UFES e da UFF de Rio das Ostras. Ao PPGPSI por abrigar pesquisas rebeldes. A todos da calorosa turma 7 do mestrado. À Soninha e Silvia. Aos professores do programa por fomentarem um exercício do pensamento.

Aos amigos que aumentam em mim a vontade de viajar: Fabrício Martins, Jana Fernanda, Victor Johnny, Keli Lopes, Elisa Fraga, Ellen Horato, Tássio, Ramom Valim, Isabel Valli, Alessandra Martins, Alice Andrade, Geane Uliana, Lucas Có... Aos amigos latinos daqui que me ensinaram uma nova língua: Victor Gomes, Kissel, Luísa, Anuar, Luna, Johana... Meu muito obrigado por podermos exercitar uma amizade em nossas relações.

À Marcia Cuevas pelas preciosas dicas de um Chile. À Marcela Vitali, Cecília Coimbra e ao Pedro, por conversas de um México.

À *Universidad de la Republica*, no Uruguai. Ao Coletivo *Ovejas Negras*, *Cotidiano Mujer* e *Mysu*. À Gabriela, da qual me lembrarei com imenso carinho. Aos Psicopuros e aos queridos Marcos, Fiorella e Sebastian, pela alegria. Aos trabalhadores da rádio *Vilardervoz* do *Hospital Viladebó* por nos contagiar com uma força subversiva. A Gonzallo Collazo pelos tangos e milongas. Ao sempre acolhedor Diego Sempol. A minha querida amiga Mario, tão cara ao exercício de fomentar sensibilidades. Ao casal

Darwin e Gustavo, que me ensinaram um pouco mais o que é amar. Àqueles beijos na Avenida 18 de Julio. Ao Mar del Plata, pelos ventos.

Aos estudantes chilenos, pelo destemor. Aos irmãos Rodrigo e Gonzallo pela generosidade de apresentar-me *uma* Santiago. Ao Ariel por sua presença sempre oportuna e inusitada, como o pôr do sol em Viña del Mar. Ao Manuel, pelas alfinetadas e questionamentos que ainda nos balançam. Às conversas sempre agradáveis no *Museo de la Memoria*. Aos provocamentos de Edison Ignácio e sua cara parceria. Às marchas e às ocupações dos movimentos estudantis chilenos. Aos alunos do *Instituto Nacional José Miguel Carreira*, da *Universidad de Chile* e da *Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación*. À Patrícia e à Andrea, pela suavidade que nos permitiu repousos. Às paixões daquele inverno que me apresentaram uma força-corajosa de assumir e bancar os afetos que se expressam na carne. Aos Mapuches, pela valentia. Aos Andes, por sua beleza.

Aos Zapatistas de todo Chiapas e de todo o planeta. Ao EZLN e ao inesquecivelmente belo Festival Anti-Capitalismo no caracol de *Oventic*. À Betty, amiga querida, por ter me orientado em caminhos por entre ‘*Sans Cristobals*’. À Conchita por sua linda voz cantarolante. Ao Mario, pelos cafés. Ao Anuar e sua família pela alegre acolhida quando em Mérida. À Naila e La Llorona, personagens musicais, pelas melodias.

À minha querida família pela aliança. Amo-os.

À bolsa concedida pela FAPES e a toda população brasileira por contribuir no seu financiamento.

Ao Guilherme Carvalho,

Às nossas apostas nos andarilhamentos por vir.

À América Latina.

A você, leitor, pela companhia.

Não estamos sós,

Gratidão.

Resumo

Propomos nesta pesquisa problematizar a militância. Para tanto, lançaremos mão das discussões dos modos de produção de subjetividade e de vida. Este trabalho está organizado como uma bússola-dissertação, sendo sustentado por viagens pela América Latina. A atuação junto à população em situação de rua, através do *Projeto Andarilhos*, no Brasil, disparou o interesse em uma pesquisa assentada nos encontros com movimentos pela legalizações da maconha, do aborto e do casamento igualitário no Uruguai; pelas lutas por educação pública e gratuita no Chile e com os movimentos zapatistas no México. A escolha por viajar dá-se em função da ação estratégica na produção de conexões e alianças com movimentos que contribuam com as desnaturalizações de certas práticas de militância. Neste trabalho a imagem do andarilho em contraponto à do turista, à luz dos nortes geográficos e magnéticos, é subsídio importante para a discussão dos modos de viajar e exercer militância. Objetiva-se produzir encontros e narrar histórias surgidas no percurso do andarilhar por territórios de vida. A militância, assim, emerge da afirmação da vida produzida nos encontros pelo andarilhar.

Palavras-chaves: Produção de subjetividade, Militância, América Latina, Território.

ABSTRACT

In this research we propose to problematize the militancy. Therefore, we shall lay hold of discussions about the ways of production of subjectivity and of life. This work is organized like a dissertation-compass, being sustained by trips throughout Latin America. The acting alongside the population in street situation, through the *Projeto Andarilhos* in Brazil, triggered the interest in a research rested in the encounters with movements for the legalizations of marijuana, of abortion and of equal marriage in Uruguay; for the struggles for free and public education in Chile and with the zapatista movements in Mexico. The choice for traveling takes place on the basis of strategic action towards the production of connections and alliances with movements that contribute with the denaturalization of certain practices of militancy. In this work, the image of the wanderer as opposed to the tourist, in light of the geographic and magnetic norths, is important subside for the discussion of the ways of traveling and exercising militancy. The objective is to produce encounters and to narrate stories arisen in the route of wandering through territories of life. Militancy, thus, emerges from the affirmation of life produced in the encounters by the wandering.

Key-words: Production of subjectivity, Militancy, Latin America, Territory.

RESÚMEN

Proponemos en la siguiente investigación problematizar la militancia. Para ello, colocaremos en cuestión algunas discusiones sobre los modos de producción de subjetividad y de la vida. Este trabajo está organizado como una brújula-tesis y es sustentado por los viajes por América Latina. La actuación junto a la población en situación de calle, a través del *Projeto Andarilhos* en Brasil, disparo el interés en una investigación focada en los encuentros con movimientos por la legalización de la marihuana, del aborto y del matrimonio igualitario en Uruguay; por las luchas por una educación pública y gratuita en Chile y con los movimientos zapatistas en México. La elección por viajar se da en función de la acción estratégica en la producción de conexiones y alianzas con movimientos que contribuyeron con las desnaturalizaciones de ciertas prácticas de militancia. En este trabajo la imagen del caminante en contrapunto a la del turista, la luz de los nortes geográficos y magnéticos, es un subsidio importante para la discusión de los modos de viajar y ejercer la militancia. Se tiene como objetivo producir encuentros y narrar historias surgidas en el percurso de caminar por los territorios de la vida. La militancia, así, emerge de la afirmación de la vida producida en los encuentros por el caminar.

Palabras clave: Producción de subjetividad, Militancia, América Latina, Territorio.

- ROSA DOS VENTOS -

I – Ponto cardeal leste

- ANTES DE MAIS NADA -

Um conto / p. 16

Um roteiro / p.17

II – Ponto cardeal norte

- DAS APRESENTAÇÕES E DOS ACORDOS DE VIAGEM -

Do andarilho e dos nortes / p. 20

A bússola do andarilho e o mapa do turista / p. 21

Subjetividades e viagem / p. 23

Do chão das andarilhagens / p. 25

Um projétil / p. 28

Loreto / p. 31

Desejando uma viagem / p. 33

O desenhar de um mapa / p. 35

De olhos abertos: Um acordo / p. 36

Um Uruguai / p. 37

Um Chile / p. 39

Os jovens da praça / p. 42

Um México / p. 43

Um Zapatista na festa do bairro / p. 46

Modos de viajar / p. 50

Pulo do rato / p. 51

Voltando... / p. 52

III – Ponto cardeal oeste

– DAS GESTÕES DA VIDA –

Do crepúsculo / p. 55

Uma recepção / p. 59

Pichações de boas-vindas / p. 60

Legalizações dos desejos / p. 63

No pátio / p. 63

Na sala / p. 64

No apartamento / p. 65

Estórias e histórias do aborto / p. 67

A marcha da educação / p. 70

Baixas grades do militar / p. 72

Dos encontros bélicos / p. 74

Gente cartão-postal / p. 75

Marcha do silêncio / p. 77

Uma cerimônia / p. 79

Do hospital e da rádio / p. 81

Uma cena / p. 81

Um convite / p. 81

Uma conversa / p. 82

De uma amizade / p. 85

Uma revolução / p. 85

Um perdão / p. 86

En Toma / p. 87

Uma ocupação / p. 88

Na praça / p. 89

Do hospital Pereira Rosell / p. 90

Ñuñoa / p. 92

Das entradas / p. 92

Das saídas / p. 92

Da cannabis / p. 94

Rodrigo e a jornada entre as universidades / p. 95

Uma apresentação / p. 95

Um andarilhamento / p. 95

A Chorona / p. 96

IV – Ponto cardeal sul

- A VIDA DAS PESSOAS NÃO AS PERTENCE -

Ruarizar / p. 100

Revirando o tempo / p. 101

Lugares de passagem / p. 102

Cena I – No aeroporto / p. 102

Cena II – Na rodoviária / p. 102

Cena III – Na praça / p. 103

Cena IV – De volta ao aeroporto / p. 103

Cena V - Uma pergunta / p. 103

Uma atenção / p. 104

Da vida / p. 105

Tempo revoltado / p. 110

Tango andarilho / p. 111

Um ponto / p. 112

V – Casa de forças

- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -

p. 113

I – Ponto cardeal leste

- ANTES DE MAIS NADA -

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou.

Que ninguém se engane, só consigo a simplicidade através de muito trabalho.

Enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré-pré-história já havia os monstros apocalípticos? Se esta história não existe passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato (LISPECTOR, 1998, p. 11).

Um conto

Um autor latino de além-mar conta-nos de um homem que sonhava em navegar às ilhas desconhecidas¹. Era morador de um reino onde todo sonho, para se concretizar, passava pelo critério de um rei. O monarca residia num castelo repleto de portas. Todas eram adjetivadas. Como ritual, o rei posicionava-se sempre na porta dos obséquios. Dentre as entradas do palácio, o homem-aspirante a navegador elegeu a porta das petições.

Após algum tempo foi atendido. Negando terceirizações e intermediários, solicita a presença do rei.

Uma crise!

Quem seria aquele que com tamanha audácia ousa solicitar a presença imperial? A majestade, acompanhada pelo desaforo, personificaram-se na porta das petições. O pedido era aparentemente simples: um barco para navegar pelas ilhas desconhecidas.

Uma certeza afirma-se: não há ilhas desconhecidas. Todas estão nos mapas; pontuou o rei, assegurado com a certeza dos geógrafos. Todas!

O sonhador não se convence. Haveria de ter ilhas desconhecidas, contestava. A curiosidade do rei foi aguçada pela (in)certeza daquele insolente. Como um dos efeitos daquela conversação perturbadora, o barco foi concedido.

Ao sair em direção ao desconhecido, uma funcionária do rei decidiu acompanhar o aventureiro nessa viagem. Ela saiu do castelo pela porta da determinação.

O sonho dos navegantes não cessa com uma reivindicação atendida. O barco era só o começo do que os navegantes desejavam do mundo. E parece que ainda agora ele, ela e nós, avistamos ilhas a serem inventadas.

¹ Trata-se do livro de José Saramago, “*O Conto da ilha desconhecida*”.

Um roteiro

Caro leitor, este trabalho está organizado como uma bússola. Nesse sentido, não teremos capítulos, mas sim pontos cardeais. Etimologicamente, cardeal deriva do latim *cardo/cardinis* e em português significa eixo. Dessa forma, os pontos cardeais desta dissertação funcionam como eixos de um campo problemático cujo interesse giram em torno de pensar, por meio dessa pesquisa, como as práticas cotidianas podem estar conectadas com indagações e estranhamentos do que nos é apresentado como óbvio e natural. Desse modo, nos interessa fomentar caminhos, alimentado por discussões distribuídas pelos quatro pontos cardeais, onde a militância é tomada como efeito das indagações e dos estranhamentos. A militância, assim, não está exclusivamente em uma ou outra parte deste trabalho: ela está pulverizada e emerge junto aos movimentos dos encontros forjados pelos caminhos dessa bússola-dissertação.

O *Ponto cardeal leste*, onde nos encontramos agora, é uma apresentação da dissertação. Nessa direção, faremos um breve desenho dos territórios² que iremos andarilhar. O conto que inaugura a dissertação concede pistas para o tom inventivo dos encontros nesse trabalho-viagem. Assim, não teremos compromisso em relatar histórias cronológicas e alinhadas com princípios universais da verdade. O tom inventivo expressa-se na nossa opção por narrar estórias no percurso do andarilhar, disparadas por experiências com a população de rua quando no projeto de extensão *Andarilhos*. A apresentação encontra-se ao leste da dissertação em função da aposta nos contágios dos vibrantes raios solares nas relações que estabelecemos entre nós mesmos e com o mundo. Ao leste, onde emergem o sol e nossas andarilhagens. Objetiva-se produzir encontros e narrar estórias surgidas no percurso do andarilhar por territórios latino-americanos de vida, conectando-se com movimentos emanados de certo Brasil, Uruguai, Chile e México.

O *Ponto cardeal norte* é a parte do caminho onde nos apresentaremos com mais cuidado e faremos a você, leitor, um convite, e também proporemos um acordo. Tal

² Território, aqui, está para além de algo estático e imóvel. Consideramos, nos rastros de Milton Santos (2000, p. 22), o território a partir de seus usos, juntamente com aqueles atores que dele se utilizam. Desse modo, “território ultrapassa sua circunscrição político-jurídica de um Estado-Nação”. (KOGA, 2011, p.38).

parte se encontra no ponto norte desta dissertação justamente por indicar o princípio, isto é, o fundamento deste trabalho. Sendo assim, apresentaremos as imagens do andarilho e do turista, bem como os nortes geográficos e magnéticos. Desenharemos um mapa do percurso latino-americano por onde viajaremos e nos instrumentalizaremos com conceitos-ferramenta caros a um andarilho, como a produção de subjetividade e o método cartográfico.

O *Ponto cardeal oeste* é onde as narrativas ganham espaço mais expressivo, sendo alinhadas com uma discussão dos modos de gestão da vida. O liame do pôr do sol, no oeste dessa estrada-dissertação, permite-nos um andarilhar atento ao canto dos pássaros no crepúsculo, isto é, sintonizado com os cantos que se modulam conforme as variações de cada encontro. O modo andarilho de atuar no mundo contribui para o fortalecimento de práticas mais conectadas com os magnetismos que imanam um percurso.

O *Ponto cardeal sul* é a direção cuja discussão será a vida. Após certo caminho percorrido, desconfiamos que a vida das pessoas não as lhe pertença. Os ventos de um certo norte já não movem moinhos³; apostamos, na esteira de Deleuze (1998), que são de certo sul que emanam os ventos da revolução. Os encontros fazem-nos atentar para a produção de uma vida indissociada de uma atenção às sutilezas do próprio curso do viver. Desconfiados das promessas e dos lugares prontos, atinamos para a revolução cotidiana produzida nos encontros, nos rastros subversivos do andarilhar. A militância, assim, emerge da afirmação da vida produzida nos encontros pelo andarilhar. Os ventos do sul refrescam certo modo de entender militância e vida, encerrando, ainda que parcialmente, um trajeto-pesquisa permeado pela afirmação de um modo de inventar mundos.

A *Casa de Força*, por sua vez, é o que modula e fortalece uma bússola-dissertação. Alimento de inquietudes, a escolha desta parte para a reunião das referências bibliográficas de nossa pesquisa-andarilha dá-se por uma dupla razão: nossos parceiros bibliográficos fomentam em nós tanto uma produção de pontos cardeais subversivos quanto modulam e energizam um campo problemático e, justamente por isso, atuam como casa de forças.

³ Aqui fazemos uso da afirmação musical cantada pela banda *Secos e Molhados*, na primeira faixa do álbum homônimo de 1973, intitulada “*Sangue Latino*”.

II – Ponto cardeal norte:

- DAS APRESENTAÇÕES E DOS ACORDOS DE VIAGEM -

Há momentos na vida em que é importante decidir se continuamos ou desistimos, se ficamos ou partimos. Se partimos do bairro, da cidade, do país, da casa, do trabalho, das amizades ou do casamento, entre outras tantas relações. Momentos de encruzilhada, difíceis, angustiantes, dolorosos, em que pesam todas as minuciosas avaliações, ou infundáveis balanços, as desoladas comparações entre o que fizemos ou deixamos de lado. Contudo, se decidimos ficar, convém que a opção seja clara e verdadeira, para que possamos viver com alegria e com humor, pois rir é fundamental (RAGO, 2009, p. 253).

Do andarilho e dos nortes

Inauguramos essa dissertação fazendo um convite: iremos viajar e queremos que você nos acompanhe.

Mas, antes, urge uma apresentação. Nossa formação é constituída por certo trajeto- Psicologia e a nossa viagem tentará se alimentar das inquietações do nosso fazer cotidiano. Em nossas *práticas psi*, procuramos atuar como um andarilho. Tal imagem nos agrada pelo apreço ao desassossego. Exercitamos uma psicologia que afirma um mundo múltiplo e diverso. Tecer amizades e parcerias é arte da qual nós e um andarilho não abrimos mão. Com essas apostas, atrevemos a nos apresentar como pesquisadores-andarilhos.

Nossas andarilhagens são orientadas por um norte, indicados por uma bússola. Nossa bússola nos é importante porque auxilia no deslocamento em certos territórios. Ela nos orienta, dando-nos uma referência provisória num espaço. A bússola sempre aponta para um norte. Entretanto, engana-se quem pensa que o norte apontado pela bússola é necessariamente um norte fixo e imutável. É que nossa bússola não aponta para um norte geográfico, mas sim para um norte magnético.

O norte geográfico é um norte das convenções, um norte arbitrário. A partir dele é que se define, de forma previsível, onde estão as demais direções. É usado para localizações de pontos pré-estabelecidos, num mapa bem detalhado e especificado. Porque já está dado, tal norte favorece os olhares gerais e universais, e acredita portar a verdade da rosa dos ventos. É um norte das certezas.

Já o norte magnético é um norte inventado. Varia de acordo com as ondulações de um mundo. O magnetismo é mutável. Flutua, com velocidades distintas. A configuração desse norte como referência está ligada à conjunção de forças de um lugar. É errante nos pontos cardeais. O norte magnético é um norte das experimentações.

Apostamos no norte magnético, que se modula sem deixar de ser referência, como uma orientação nas nossas viagens. Nos encontros que teceremos no andarilhar, um norte também se forja. Encontro e norte são coemergentes.

A bússola do andarilho e o mapa do turista

Andarilhar é lançar-se aos encontros. Assim, andarilha, sobretudo, aquele que se permite experimentar o que se passa em um lugar - e não apenas aquele que porta nas mãos passaporte e bilhetes para uma viagem. A imagem do turista em contraponto a do andarilho ajuda em nossa conversa⁴, entretanto, exige cuidado. Afinal, trata-se de estar em movimento e não de estabelecer categorias.

O turista está preocupado em conhecer o que lhe mostraram, seja em um filme ou em uma revista. Sua atenção está focada no ponto – turístico – e naquilo que “já está lá”. Para ele não há *um* lugar, mas *o* lugar⁵. Há nas mãos, via de regra, guias ou roteiros do destino para obter um melhor panorama ou o ponto de vista “mais fiel” de onde visita. Ao viajar, o turista compara. Busca o que não varia. Seu olhar reconhece o que leu nos mapas e roteiros das agências de turismo. Está atento às linhas de igualdade e de semelhança, ambas ligadas a uma ideia de essência e comparação.

Diferente disso, um andarilho está atento às sutilezas e às forças que atravessam *um* lugar. Esse andarilho exerce uma capacidade de esquecer o que supostamente sabe dos lugares. Ele estuda como quem tateia os lugares, entretanto, não se contenta. Inquieto, lança-se nos lugares para experimentá-los. O esquecimento é importante na exata medida que lhe permite o abandono das certezas e das referências fixas. Desse modo, não há norte universal que o guie, mas há, tão somente, nortes experimentados e a se inventar. O norte é a composição de uma passagem. É no encontro com os magnetismos que um norte se forja. Um andarilho está atento às linhas de passagem e de composição.

O itinerário pode até ser comparável, a viagem não. Cada viagem é *uma* viagem, cujo irrompimento de histórias e geografias expressam a impossibilidade do enquadramento da experiência. É da ordem do singular. Assim, a fidedignidade ou a averiguação não fazem sentido a um andarilho. A viagem é o que favorece as conexões. Desse modo,

⁴ Alguns elementos dessa distinção foram subsidiados pelas discussões provocadas por Michel Onfray. A esse respeito consultar: “*Teoria da viagem: poética da geografia*”/ Michel Onfray; tradução de Paulo Neves – Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

⁵ O artigo definido “o” está destacado por indicar uma totalidade cara aos movimentos turísticos. Por sua vez, o artigo indefinido “um” também está em destaque e aponta para uma singularidade importante ao movimento andarilhante. Ao longo da dissertação, apostaremos no uso do segundo artigo.

andarilhar não é necessariamente dar a volta ao mundo; *andarilhar* é, em princípio, inventar mundos.

O convite é para embarcar conosco. Ao longo da viagem, tentaremos exercitar um companheirismo. Do latim - *cum panis* - companheiro é aquele com quem dividimos o pão. O pão de um andarilho, atrevemo-nos a pensar, são a inquietude e o encontro. Gostaríamos que nossas questões fossem um alimento deste processo andarilhante. É, sobretudo lá, no caminho a ser percorrido, que os encontros se forjam e nossas discussões podem ser compartilhadas.

Subjetividades e viagem

Tais imagens-movimentos do turista e do andarilho nos ajudam em uma questão cara: a produção de subjetividade. Há modos distintos de entendê-la. Para nós, essa questão é fundamental por constituir tanto corpos-viagens-produtores-de-mundo, quanto os desdobramentos metodológicos da pesquisa. E avaliamos importante termos clareza dessas distinções para nos conectar com aquela noção que nos parece mais interessante.

Hegemonicamente, subjetividade é tratada como antônimo de objetividade. Ora, se a objetividade é aquilo que está no plano das certezas, da quantificação, do “fora” e da mensuração, subjetividade seria o contrário. Nesse sentido, subjetividade pode ser entendida como algo intimista e pessoalizado, o que implica na criação, ou melhor, na preexistência de uma identidade essencial como dimensão interna, que determina a experiência. Lidar com subjetividade, nessa direção, seria o mesmo que lidar com modelos chapados e padronizados, que implicam certo modo de viver e sentir: um modo de ser homem, mulher, criança, de amar, de morar, de relacionar-se, de movimentar-se.

Podemos pensar a imagem do turista aproximando-se desse modo de conceber a subjetividade, por ter como problema a forma classificável, do que é e não muda. Esse turista é consumidor de pacotes de serviços. Sua preocupação é se a viagem contempla ou não suas expectativas. Poderíamos pensar que esse modo de entender a subjetividade atua nessa direção, acreditando haver um protocolo de como ser na vida: como ser homem, como amar, como ser criança, por exemplo. Traçam-se diretrizes que tentam inferir os graus de masculinidade, de amor e de infância; julgando, com crivos universais e apriorísticos, se se é mais ou menos homem, mulher, amor, etc. A identidade emerge nesse ponto e é “aquilo que faz passar a singularidade de diferentes maneiras de existir por um só e mesmo quadro de referência identificável” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 80). Entretanto, essas expectativas nunca são contempladas por completo. Há algo, que é fundamental considerar, que escapa ao roteiro do guia de viagem do turista e a esses protocolos e *manuals* de como viver. Nesse sentido, conectamo-nos com outro modo de entender subjetividade, tomada na dimensão de produção.

Ao andarilho são caras e preciosas as singularidades dos encontros e, por isso, ele está mais próximo desse modo de entender subjetividade como usina, que “tem a ver, sim, com as maneiras como em princípio todos os elementos [...] funcionam e se articulam; ou seja, com a maneira como a gente respira, como a gente tem ou não vontade de estar aqui ou ir embora” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 81).

A produção de subjetividade, portanto, tem a ver com um modo de produção do real, instaurando outra lógica na contramão das naturalizações e dos dados prontos e fixos. Trata-se, sobretudo, de invenção. Tudo é produzido, inclusive o modo de produção. Se há referências ou equilíbrios, eles são sempre provisórios. Com isso, a produção de subjetividade pressupõe a multiplicidade e a provisoriedade do real. E “as multiplicidades são a própria realidade, não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito” (DELEUZE; GUATTARI, 2009, p.8).

A subjetividade pode funcionar como um norte magnético quando se atenta às sutilezas das variações, das ondulações e das posições, fabricando nortes locais e situados. Um norte provisório que se forja nos encontros. Afirmar subjetividade como produção é um dos efeitos do andarilhar, experimentando um mundo, rompendo com os absolutos e afirmando singularidades e multiplicidades.

Do chão das andarilhagens

Trabalhamos em diferentes projetos de extensão e pesquisa, que foram fundamentais para a construção dos problemas que constituem este trabalho. Os processos dessa pesquisa alimentam-se muito de questões formuladas no andarilhar por esses projetos-percursos. O *Projeto Andarilhos* é um desses projetos. Este nos possibilitou formular e expressar questões que nos impulsionam a escrever esta dissertação e a desejar uma pesquisa-viagem-andarilha.

O *Projeto Andarilhos* trabalha junto à população em situação de rua na cidade de Vitória, no Espírito Santo, desde 2010. É um projeto de extensão composto por estudantes de graduação e pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), além de uma professora-parceira-orientadora. O trabalho possui algumas frentes, entre elas, o apoio ao Movimento Nacional de População de Rua do Espírito Santo (MNPR/ES)⁶. Entretanto, pela especificidade da vida em situação de rua, lidamos com uma rede de movimentos sociais que abrange temas dos mais diversos e que, em certa medida, dizem respeito à vida em situação de rua. São grupos de diversidade sexual, de negritude, de educação popular, de catadores de resíduos sólidos, de Redução de danos⁷, de juventude, de mulheres, de abolicionismo penal⁸, de camponeses, entre outros. Desse modo, nossas questões estão atravessadas pelas experiências de relação com os mecanismos de funcionamento desses movimentos sociais e não apenas diretamente com o MNPR/ES.

⁶ Pontuamos que essa frente de trabalho no *Projeto Andarilhos*, embora tenha perdurado por alguns anos, não é vigente.

⁷ Antônio Lancetti (2011) define a redução de danos como “uma política e uma prática de saúde pública definida como uma série de procedimentos destinados a atenuar as consequências adversas do consumo de drogas” (p. 77). Nesse sentido, a Política de Redução de Danos procura escapar dos universais quando preza por avaliar caso a caso, junto ao sujeito, através de modos outros de se relacionar com as drogas, quando essa é uma questão limitadora de possibilidades na vida da pessoa em questão. Com esse modo de trabalhar, a droga não é eleita de antemão, podendo ser desde o crack até uma telenovela. A qualidade da dinâmica das relações estabelecidas entre um sujeito e uma coisa é o que possibilita avaliar se algo está ou não agindo como uma droga.

⁸ O abolicionismo penal discute, de múltiplos modos, o modelo judicial, problematizando, sobretudo, a ideia da pena. Preza a desnaturalização na esfera jurídica da ideia do culpado, da vingança e da revanche. Propõe, em contrapartida, outros modos de entender criminologia, o que implicaria, necessariamente, um deslocamento subjetivo. Uma das propostas seria a da ampliação do campo relacional na esfera jurídica, com o objetivo de compreender uma dinâmica do que se passa num dado lugar, rompendo com absolutos de vitimização e culpabilização, fomentando discussões locais de situações-problema, por exemplo. A respeito do tema, sugerimos a leitura de Joaquim Nabuco (2000), “*O Abolicionismo*”.

Lidamos, também, com as relações estabelecidas pelas pessoas em situação de rua e os equipamentos públicos de Estado, as violações de direito e os modos de publicitar o que se passa na rua, bem como trabalhar com outras questões que dizem respeito à produção de subjetividade em situação de rua. A nossa aposta junto ao *Projeto Andarilhos* é a afirmação da possibilidade de se viver na rua com dignidade. Para concretizar o trabalho, dispomo-nos a acompanhar o cotidiano desse grupo social. Vamos às praças, esquinas, marquises e a qualquer espaço onde tais pessoas circulam. Nos encontros com eles, irrompem-se histórias, relatos, encaminhamentos coletivos e alguns outros desdobramentos.

Os outros desdobramentos desses encontros podem se dar numa atuação na direção da construção e efetivação de uma política de Estado⁹ que aconteça em rede; na participação e coorganização de eventos e atos junto à população em situação de rua; na coprodução de boletins informativos e na atenção para relações de confiança construídas no trabalho do projeto. Para nós, abraços, convites para um jogo de baralho ou poder embalar um recém-nascido nos braços são grandes indicadores da construção dessas relações de confiança.

Entendemos que, em tempos marcados pela violência e pelo extermínio desse modo de vida¹⁰ em situação de rua¹¹, essas relações de confiança são subversivas e apontam para outra qualidade de produção de subjetividade. São essas relações, pautadas na confiança e na solidariedade¹², que negam os processos de sucateamento da vida.

⁹ Eduardo Passos e Regina Benevides (2005) atentam-nos para a sutil e importante diferença entre as políticas de Estado das políticas de governo e das políticas públicas. Tal discussão é cara para nós e será trabalhada mais adiante.

¹⁰ Nos rastros de Michel Foucault (2010), modo de vida é o que “pode dar lugar a relações intensas, que não são institucionalizadas, e parece-me que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e uma ética” (p. 351). Desse modo, “um modo de vida pode-se compartilhar entre indivíduos de idade, *status*, atividades sociais diferentes” (FOUCAULT, 2010, p. 351).

¹¹ Um levantamento realizado pelo MNPR/ES contabilizou 26 pessoas em situação de rua mortas na cidade de Vitória, no primeiro semestre de 2013. Esse levantamento contou apenas os casos dos quais o MNPR/ES e apoiadores tiveram notícias. Não há dados oficiais de entidades governamentais sobre a mortalidade dessa população na cidade de Vitória/ES. O número de mortes de pessoas em situação de rua na capital capixaba é bastante elevado e consideramos que são indícios de um violento cenário de extermínio deste modo de vida.

¹² Quando nos referimos à ideia de solidariedade, passamos longe de uma concepção cristã pautada nos crivos intimistas da bondade em divergência da maldade. Afirmamos solidariedade como uma estratégia de atuação no mundo, atuando em cooperação, sintonizados com magnetismos que emanam de um dado local e numa dada circunstância.

Tais processos de sucateamento da vida alimentam-se de linhas que tentam reduzir a subjetividade ao plano identitário. Acreditamos que fixar a subjetividade nesse plano é esvaziar e reduzir a vida naquilo que pode ser reconhecível e identificável e, assim, precarizá-la. Precariza a vida justamente porque limita as possibilidades de variação e invenção. O modo de vida turista comparece aqui. Outrar-se¹³ é tomado como erro, falha e insucesso. Regida pelos nortes geográficos e por manuais de viagem, a subjetividade identitária contribui para o sucateamento da vida quando condena a divergência e privilegia a unidade, o homogêneo e, por conseguinte, o igual e o universal.

Ao afirmarmos uma subjetividade na direção da pluralidade e da multiplicidade, negamos o sucateamento que chapa e enfraquece a vida. O que outrora foi dito como erro, agora constitui o processo inventivo do andarilhar. A atuação nesses liames no *Projeto Andarilhos* é parte fundamental em nossa formação e na constituição dos referenciais e das questões em nossa viagem-pesquisa.

Ao mesmo tempo em que nos constituímos nas relações com as pessoas em situação de rua, construímos também um modo de trabalhar, sempre atentos às sutilezas dos magnetismos. Pontuamos, ainda, que nosso objetivo com os relatos da experiência desse percurso no projeto não é o de fazer um levantamento histórico, mas sim o de demonstrar uma preocupação metodológica com o compartilhamento de estratégias de modos outros de se fazer intervenção, bem como com os processos de formação do pesquisador.

¹³ Para nós, outrar-se é, na esteira de Ana Heckert (2012, p. 248), a possibilidade de tornar-se outros, isto é, de variar, de diferir. Dessa maneira, outrar-se é alimentada por linhas de experimentações orientadas por nortes magnéticos.

Um projétil

Não faz muito tempo. Não temos certeza de qual era o ano, mas temos a impressão de que foi em novembro de 2013. Passou-se num equipamento público brasileiro de atenção à população em situação de rua. Da calçada, podiam-se ouvir vozes alteradas. No portão havia porteiros. Um deles discutia com um grupo de pessoas, chamado de usuários do espaço. O lugar não era grande, porém atendia cerca de cem pessoas em situação de rua por dia.

A origem da discussão não é precisa nem necessária. Num piscar de olhos, uma arma foi levantada. O revólver em riste provocava um silenciamento; afinal, arma mata e há humanos que temem a morte. Achavam aqueles funcionários – para além dos porteiros, havia psicólogos, assistentes sociais, educadores, entre outro – que a função que lhes competia era a de mantenedores da ordem. E aquela ordem pressupunha obediência. A arma em punho parecia querer sinalizar quem mandava e, simultaneamente, quem obedecia naquele lugar.

No entanto, há também humanos que não temem a morte. Não diminuem a voz para uma arma. Gritos ainda mais altos eram escutados. As vozes, em disputa, anunciavam uma questão importante: os modos de gestão daquele lugar.

Quem é que manda num espaço público? Berros negavam obedecer. Naquele lugar, um berro, quando pronunciado de modo isolado, podia ter como resposta ações igualmente isoladas, isto é, advertências de mal comportamento, notificações e até suspensões do serviço. E parecia ser uma prática daquele lugar suspender quem berrasse; afinal, berrar não rima com obedecer. Mas, e quando um berro é coletivo?

Arruaça! Baderna!

Naquele dia de novembro, vários eram os que ajudavam a erguer ainda mais alto o braço que portava a arma. Pelos corredores, balbucios: *esse equipamento tem que ser fechado... Não temos condições de atender quem não quer ser atendido... Não podemos admitir tamanho desacato...*

O revólver dispara o tiro.

O projétil risca o céu numa velocidade um pouco mais lenta do que a das conexões dos afetos. Da rua podia-se escutar, ver, cheirar e tatear o que se passava. É que as grades daquele equipamento público não divorciavam os modos de viver da rua do seu povo de rua. Não há cerca que constranja a circulação das relações em situação de rua. Suspeitamos que é na pele daquele povo de sangue latino que eles levam tudo de que precisam.

Poucos são os que andam a sós na rua. São acostumados com uma vida em bando. E um bando não fica imune aos berros que os convocam. Para o que convoca um berro? Suspeitamos que para uma avaliação do que se passa. E o que se passava?

O projétil desmancha-se no ar. A mão vacila. Titubeia e desmonta-se da posição de guarda de outrora. A arma cai no chão.

O que se passa?

Monta-se uma roda.

Numa roda todos estão no mesmo plano; na linha dos olhos todos se veem. Inicia-se uma conversa. O esforço é para que a arma, agora caída, seja dispensável. As vozes, outrora exaltadas, ganham um timbre mais suave. Numa roda, as palavras podem circular, ajudando a falar do que nos mobiliza, dos incômodos e das alegrias; é uma forma de tecer outra qualidade na relação.

A mão, como o projétil, perde contorno e desmancha-se. Em seu lugar, mãos vão aparecendo. Simultaneamente, desvanecem-se os culpados, os coitados, os inimigos e as vítimas.

E o que se passará? Isso já é da ordem da imprevisibilidade. As relações são construídas, todavia, essa dimensão por vezes é negligenciada. Suspeitamos que, ao esboçar clareza acerca do caráter inventivo da vida, podemos vislumbrar espaço de cuidado com essa inventividade das relações. Um espaço que opte por avaliar e não julgar o que se passa. Afinal, quais relações forjamos para permitir uma arma ser levantada e cuspir um projétil?

Ousamos, por hora, a perguntar-nos: como os indícios desse berro de novembro podem ajudar na fabricação de um caráter público nos lugares¹⁴ por onde circulamos?

¹⁴ Um lugar não necessariamente é um lugar geográfico. Um lugar, para nós, é um desdobramento de confluências de forças indicadas por um magnetismo. Assim, ressaltamos nosso entendimento de que políticas, amizades, amores, militâncias, entre outros, também podem ser lugares.

Loreto

Conhecemos Loreto¹⁵ quando ainda no *Projeto Andarilhos*. Numa tarde, abaixo da sombra fraca de uma castanheira, falou-nos de quando trabalhou no lixão de Gramacho, no Rio de Janeiro. Lá contou oito dos seus quase cinquenta anos. Ele olhava nos nossos olhos enquanto falava. Seu olhar sensível nunca o abandonava. Desconfiávamos ser essa uma pista importante para quando se triar aquelas montanhas de lixo.

Triar era avaliar o que lhe servia e o que não, contava-nos. Triar exigia uma avaliação. Conectado com a montanha, Loreto não supunha o que poderia vir. Era surpreendido constantemente. Naquelas montanhas de lixo no Gramacho tinha de um tudo. De dedos humanos a bombons ainda embrulhados. E ele ria: quem avalia o lixo orientado somente pelo mercado pode deixar escapar preciosidades. Triar era avaliar, reafirmava. E ele se dedicava à arte da triagem, que exige olhar atento na ponta dos dedos.

Num desses dias de trabalho triou, em meio aos papéis, uma história. Falava de Pagu: a primeira mulher presa por motivos políticos no Brasil, durante a ditadura de Getúlio Vargas. Na década de 1930, o modo de Pagu viver a vida impactava. Fumava, andava salivando palavrões e ainda tinha a audácia de pensar e de escrever. Contabilizava mais de vinte passagens pela polícia. Em algumas dessas ingratas “visitas”, Pagu foi torturada. Jogada num porão e açoitada para aprender como ser mulher e obediente.

Conta aquela história triada que, ao ser solta após uma dessas prisões, Pagu, desmoronada no chão, viu seu carrasco estender a mão para ajudá-la a levantar-se. No entanto, recusou o cavalheirismo. Cambaleante, levantou-se por si própria. O torturador ficou ultrajado. Como ousara negar cordial atitude?

Loreto, com voz mansa, diz que Pagu faz como ele: avalia e tria. Parece que quando avaliamos para quem estendemos ou não a mão estamos triando composições, suspeita Loreto. Pagu levanta-se com a dignidade de ser desobediente, rebelde e mulher. Levanta acompanhada de subversão. E subversivo também são aquelas histórias à sombra da castanheira.

¹⁵ Os nomes pessoais utilizados ao longo dessa dissertação são fictícios.

No mercado, pela cotação do preço do papel daquele dia, a história escrita em algumas folhas de papel valia um pouco mais que nada. Loreto não se importava: os valores são outros. É que a vida é um valor sem dimensão.

Desejando uma viagem

Reafirmamos que tecer parcerias e amizades é arte da qual não abrimos mão. No *Projeto Andarilhos*, triamos, como o Loreto, questões que nos mobilizam. Há em nós um desejo de andarilhar e experimentar outros modos de lidar com questões do cotidiano. Como seria o funcionamento dos movimentos sociais em outros lugares? Como se movem as políticas das drogas, da diversidade sexual e do direito ao corpo em magnetismos outros?

Avaliamos importante viajar como uma estratégia de estabelecimento de conexões entre formas de pensar e trabalhar junto a esses temas. Temos notícias de coisas vindas de cantos latino-americanos que abrem os nossos olhos de surpresa e de desconfiança. Mas um continente é terra por demais, é gente em demasia. Poderíamos ter acesso a todos os modos de lidar com essas questões caras a nós? Certamente não. Tampouco é essa a nossa intenção. Ousamos viajar e procuramos fortalecer modos andarilhos para sustentar nossa viagem.

Loreto nos dá indícios ao exercício da triagem como avaliação. Rabiscamos num papel esboços de mapas, estudamos movimentos e coisas que nos instigam na América Latina. À nossa frente, uma montanha, não mais de lixo, mas de lugares. Olhando para ela, parece que todos os pontos são possíveis. Então uma questão se coloca: como escolher um lugar? De Tijuana a Bariloche de possibilidades, percorremos o desejo sobre o mapa, impulsionado por tudo que já vivemos. A sensibilidade de Loreto revive em nós.

Conectamo-nos com as montanhas de lugares e exercitamos escolhas. No entanto, parece-nos que uma triagem também é feita pelos lugares. Escolhe-se e é escolhido. Algo se passa entre Pagu e Loreto, entre nós e os lugares. A triagem de Pagu só faz sentido a Loreto porque se conecta com os sentidos de sua vida; Pagu e Loreto, ao se conectar, reinventam-se. E quanto a nós e os lugares?

O dedo, movido pelos indícios que atravessam os sentidos de nossas vidas e de nossas práticas nos trabalhos que integramos, assinala lugares no mapa. De uma América Latina escolhemos Brasil, Uruguai, Chile e México e, simultaneamente, Vitória,

Montevidéu, Santiago e Chiapas nos escolhem¹⁶. As razões são diferentes, mas compartilham um eixo: a afirmação de uma vida não sucateada nas linhas do idêntico e universal, que são sustentadas e sustentam um modo de vida turístico, ou ainda, a afirmação de uma vida que se atenta ao magnetismo sempre situado.

¹⁶ Parafrazeando o artigo escrito pelo Movimento Passe Livre, afirmamos que a nossa viagem não começa em Vitória e nem termina em Chiapas. Ver: MPL/SP; *Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo* IN: VAINER, C; ROLNIK, R; MARICATO, E, [et all] Org. *Cidades rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*, São Paulo: Boitempo: Tempo Maior, 2013.

O desenhar de um mapa

Ao desenhar um mapa, é necessário atenção. Exercitamos desenhar um mapa inacabado, sem questões definidas *a priori*, de forma universalista. Suspeitamos que, caso desenhassemos um mapa pronto, com os pontos cardeais bem definidos, estaríamos exercitando viajar num movimento turístico, sendo “nômades do capitalismo globalizado, fixado no mesmo lugar” (BAPTISTA, 2009, p.80).

Ao ser orientado exclusivamente por um norte geográfico, caminha-se nos planos das certezas e faz-se da viagem uma comprovação das referências que já se tem. Tentaremos, diferentemente disso, um exercício de abrir as referências dos lugares às contestações e às invenções. Desses lugares – Brasil, Uruguai, Chile e México – temos indícios que podem ir ao encontro das questões do nosso trabalho.

Nossa bússola aponta nortes magnéticos que são forjados nos encontros com o que se passa na provisoriedade de cada lugar, tendo como princípio a expansão da vida com seu caráter múltiplo e diverso respeitado. Assim, o nosso mapa produzir-se-á nos efeitos desses encontros. Temos, por hora, rabiscos.

Fazemos a mala.

Levamos uma bússola, algumas roupas e presentes de amigos, que são desde barras de chocolate, livros, suspiros compartilhados, a até aquarelas da América Latina, com recomendações para que esses trópicos auriverdes acompanhassem-nos. Tais trópicos foram dispostos a pintar-se de outras cores. Os amigos, assim, embarcam junto a nós. Somos um pouco deles e eles também são um pouco de nós.

De olhos abertos: um acordo

Tratamos, aqui, de estórias bordadas nos encontros por entre as vidas-contidente de nossas andarilhagens. Urge, companheiro, lembrar nosso acordo de viagem.

Acordo, para nós, não passa por crivos jurídicos e burocráticos. Etimologicamente, acordo significa aquilo que passa pelo coração. E o coração, para os antigos romanos, é a casa da coragem. Nosso acordo é importante para que estejamos juntos nas nossas andarilhagens. Propomos acordar um exercício do abandono das comparações. Acordar um cunho andarilho nas nossas viagens.

Acreditamos que as comparações, seja pelo viés do que é diferente ou do que é igual, portam um carácter de traçar um paralelo entre as coisas, podendo produzir como efeito um ranking¹⁷; desdobramento este mais próximo do movimento turístico. Assim, levaremos conosco uma aposta de artesão-andarilho: tecer alianças, trançar estratégias que recheiem a vida de relações mais leves e menos blindadas. Isso é o que nos desafia.

¹⁷ *Ranking* é uma invenção do capital que estimula a competição e não a composição. Opera na criação de catracas, elegendo os entraves a serem superados para se atingir tal meta. O ranking é usado aqui apenas para ilustrar como as vidas estão em cena, sendo contabilizadas com um interesse capitalístico claro na direção da ordem e do progresso, alimentando sentimentos regionalistas e identitários; estes extremamente perigosos, por fomentar um ódio à diferença.

Um Uruguai

O Uruguai nos atira a pele pelos processos de legalização da maconha e do casamento igualitário, desde 2013, e do aborto, desde 2012. Entendendo que tais leis são efeitos de lutas, temos curiosidade em conhecer mais dos coletivos uruguaios e das formas de empreender tais questões por lá.

Em Vitória, como apresentamos, lidamos com questões ligadas a certo modo de estar na rua. Via de regra, as pessoas em situação de rua são alvo de uma série de intervenções por parte do Estado que, por sua vez, toma as drogas como mote¹⁸ para justificar suas ações. Tais intervenções constituem um cenário brasileiro de Guerra às Drogas, pensado, como aponta Lancetti (2011), numa dinâmica em que a vida dos usuários não é tomada em primeiro plano.

No *Projeto Andarilhos*, somos desafiados a pensar outros modos de lidar com os usuários de drogas. Comumente, observamos um caráter criminalizatório e endemonizado das substâncias psicoativas e, sobretudo, de seus usuários. Avaliamos que tal modo de entender as drogas privilegia uma prática das certezas sobre o outro-usuário de drogas, reduzindo a vida deste à relação com as substâncias psicoativas. A droga passa a ser um absoluto do mal, que necessariamente tem que ser combatida. Dessa maneira, pensamos que alguns movimentos realizados no Uruguai poderiam nos ajudar a pensar sutilezas com relação a essa questão.

A legalização da *canabbis* em terras uruguaias pode sinalizar um cenário outro frente à dita Guerra às Drogas. Para nós, a legalização pode propiciar um atuar magnético, situado frente aos psicotrópicos, uma vez que torce o absoluto dominante, que indissocia drogas de criminalidade.

Dessa maneira, parece-nos que afirmar a dimensão do diverso à vida é fundamental. O Uruguai, ao também regulamentar o aborto, aponta para dimensões da diversidade a

¹⁸ Ressaltamos que seria um equívoco de nossa parte tratar a população em situação de rua necessariamente como uma população drogadita. Trata-se de um grupo social extremamente diverso e heterogêneo, com múltiplos modos de relacionar-se com as drogas, sejam essas lícitas ou ilícitas. O nosso interesse aqui é apontar como as ações que compõem certo cenário da dita Guerra às Drogas no Brasil têm implicações diretas e indiretas neste segmento social.

esse corpo que deseja¹⁹, rompendo com absolutos que teimam em dizer do corpo e da vida do outro.

Nessa esteira, a legalização do casamento igualitário aponta para à alteridade e à dimensão dos desejos que atravessam a vida. A diversidade sexual não foge às ruas e a toda uma relação que passa por crivos de violência. Ao prezar os afetos homoafetivos, estimando sua singularidade, podemos subsidiar discussões que fortalecem a diversidade dos modos de amar e, por conseguinte, que neguem os universais emanados por nortes geográficos.

Pensamos que a arte do andarilhar emerge como um respiro em meio a tantas forças que teimam em sucatear a vida. Andarilhando, forjam-se encontros que rompem com os absolutos e vislumbram uma vida numa direção mais livre. Assim, certos movimentos que se passam no Uruguai parecem nos ajudar a pensar outra qualidade nas relações que nos constituem como sujeitos no mundo.

¹⁹ Deleuze e Guattari (1996) apontam para a dimensão maquínica do desejo. Desse modo, “o desejo se define como processo de produção, sem referência a qualquer instância exterior, falta que viria torná-lo oco, prazer que viria a preenchê-lo” (DELEUZE; GUATTARI, p. 15). O desejo diz, assim, do campo de imanência, isto é, daquilo que se passa nessa vida. Desejar estaria próximo ao movimento andarilho e dos nortes magnéticos, fluindo “em uma força vital que ‘serpenteia’ os mais diferentes processos que constituem o viver e a produção da existência” (NEVES, 2012, p. 70).

Um Chile

Em nosso trabalho cotidiano no *Projeto Andarilhos*, deparamos com a existência de uma rede de serviços para a população em situação de rua. Tal rede conta com equipamentos específicos para esse grupo social, como abrigos diurnos e noturnos, e até equipamentos mais gerais, como restaurantes públicos, museus ou escolas. É-nos questão, aqui, como funciona a relação dessa rede com esse grupo social.

Ouvíamos frequentemente relatos que evidenciavam um funcionamento precário daqueles serviços. O que tais reclamações colocavam em cena? Há um modo de entender os espaços públicos, tomando-os como prestadores de serviços. Dessa maneira, produz-se uma relação com o seu funcionamento próxima a dos consumidores, na qual o que importa é a qualidade do atendimento prestado e a satisfação do cliente.

O nosso fazer cotidiano era atravessado por tais entendimentos. Desse modo, produzíamos no dia-a-dia uma torção do sentido do *público*, produzindo outros sentidos para essa palavra-ação. Para nós, mais do que um conceito, *público* é um modo de funcionar no concreto da realidade, em que não cabem relações de posses e propriedades, tampouco prestações de serviços. O público, na esteira de Passos e Barros (2005), fala de algo produzido nos encontros e emanado do coletivo, inventando o real.

Acreditamos, que Estado e política pública não são sinônimos. Alinhados com Cecília Coimbra, Ana Monteiro e Manoel Mendonza Filho (2006, p.) pontuamos que o domínio do Estado e do público não se justapõem, fazendo ruir as relações naturalizadas de sinonímia entre eles. O Estado, na esteira foucaultiana, tem função estratégica no azeitamento do capital, sendo integrante importante para funcionamento da maquinaria capitalística. A política pública aponta para outra direção, sendo construída a partir do plano da imanência emergida pautada no concreto das experiências de cada homem inserido na coletividade ((MONTEIRO; COIMBRA; MENDONZA FILHO, 2006, p. 11).

É importante atentar-se, então, para o modo como uma política está funcionando. Se ela opera com e pelo coletivo, acolhendo diferenças sintonizadas com os magnetismos emanados do chão da realidade ou se atua em movimentos hierárquicos e que vislumbram o manutenção da ordem, esta abstrata e invivível. É que uma política de

Estado visa o controle e, não por acaso, preocupa-se em demasia com cadastros, nomes, endereços, roteiros, e tantas mais informações que possam fortalecer os nortes geográficos que os rege. Ao passo que uma política pública preocupa-se com a vida em sua dimensão impessoal, coletiva e encarnada.

O tom público de uma política está atestado com os magnetismos de cada lugar. Uma experiência de política pública, diferente da política de Estado, é impossível de ser replicada. Tal impossibilidade dar-se-á em função da provisoriedade e inventividade dos encontros que forjam uma política pública. Tais encontros, como são os dessa dissertação, não são necessariamente se dá entre pessoas, mas também com cores, sons, ideias, hesitações, balbucios, entre outras sutilezas do lugar onde uma política exerce-se pública (PELBART, 2012, p. 9).

Com isso, reconhecemos que algumas políticas de Estado podem ser ferramentas importantes na afirmação de existências com dignidade e que foram, via de regra, alcançadas a duras penas por diversos segmentos populares e, em certa medida, também pela população em situação de rua. Todavia, não há garantias de que essas políticas realmente sejam públicas, necessitando uma atenção constante ao presente, uma vez que o caráter público das políticas não está dado de antemão.

É um exercício cotidiano em nossas andarilhagens afirmar esse vetor público também nas políticas de Estado, atentando-se para as relações que se forjam no processo de construção de uma política, seja de educação, saúde, cultura, alimentação, assistência social ou outra qualquer. Afinal, o caráter público das políticas diz respeito à afirmação da vida.

Há no Chile movimentos estudantis que discutem os rumos das políticas educacionais no rastro do público e que nos chamam a atenção. Por lá, a educação é juridicamente privada, apesar de ser Estatal, significando que o acesso à rede de serviços educacionais não é gratuito. Há em jogo outras dinâmicas de organização da política educacional. Pensando no modo andarilho de funcionar, interessam-nos os movimentos chilenos no que diz respeito às singularidades das lutas que vislumbram um caráter público nas políticas educacionais.

Pensamos que alguns movimentos daquela parte andina nos ajudam a pensar em formas de refutar uma lógica intimista e mercantil da educação, que por vezes intoxica nossas

relações com princípios privatizantes e individualizantes, fundamentais ao capital. Negando a defesa a um *eu*; seja ele um *eu* sindicato, um *eu* grupo, um *eu* país ou um *eu* continente (MONTEIRO; COIMBRA; MENDONZA FILHO, 2006, p. 8), tais processos parecem preocupar-se com um *nós* e, sobretudo, com o que se passa entre *nós*.

Os Jovens da Praça

Santiago, Chile. Inverno de 2014. A cor daquela cidade variava entre cinza e marrom. Tons neutros em um vale andino. Na rua, pessoas. Muitas, aliás. Quase nenhuma parada.

Uma avenida grande repleta de carros parados. De tantas em tantas quadras havia algumas praças. Em uma delas, chama-nos a atenção um grupo de jovens. Parados, próximos entre si, seguravam papéis e os distribuíaam aos transeuntes.

Aqueles jovens pareciam quebrar o monótono frio chileno e recheiar de cor os tons pastéis. Nos papéis, palavras rimadas e histórias contadas por Pablo Neruda, Eduardo Galeno e até por eles próprios. A arte custava tantos pesos quanto o transeunte avaliasse valer.

Um dos jovens nos diz que, com o dinheiro daquelas poesias, eles custeavam as mensalidades da faculdade.

Durante a conversa, uma mulher passa. Lança-nos um olhar com misto de piedade e arrogância. Adentra a mão na bolsa, como quem vai sequestrar algumas moedas. A mistura daqueles afetos se mantém naquele olhar. Um casal de jovens, atento à cena, fica de prontidão. A mulher recebe a poesia. Os jovens não interceptam as pratas.

A dupla juvenil então recita um poema. Em timbre alto declamam que, em tempos monetários, nem todas as moedas lhes servem.

Um México

No *Projeto Andarilhos*, como dissemos, trabalhamos com uma rede de movimentos sociais. Entretanto, em alguns momentos, havia um entendimento que contribuía para a personalização de algo que, para nós, é coletivo. E, não raramente, elegia-se um mensageiro-líder de certo movimento. Esse modo identitário e pessoalizado de estar nesses lugares contribui para a produção de distanciamentos e para a ilusão de uma luta como algo intimista e individualizado.

Estranhamos, sobretudo, os absolutos que parecem dizer que é preciso ser mulher para se sensibilizar pela causa feminina; que carece ser gay para atentar-se aos movimentos que dizem respeito à diversidade sexual ou, ainda, que é necessário ser morador de rua para dizer algo da vida em situação de rua. Sabemos, no entanto, das sutilezas das experiências. As diferenças são caras para nós. Todavia, as localizações totalizantes e identitárias são eixos que nos incomodam, talvez porque suspeitamos das lutas identitárias.

Um dos pronunciamentos do Exército Zapatista da Libertação Nacional – EZLN – nas montanhas de Chiapas, ao sul do México, ajuda-nos a pensar nesse nosso incômodo. Perguntam-se: - Quem é um Zapatista²⁰?

Poderiam ater-se ao contexto mexicano, cujos povos indígenas, historicamente, foram demasiadamente explorados e mortos. Não foram poucas as tentativas de silenciar as expressões dos modos de vida dos povos tradicionais, como os maias e os astecas. As atuais condições de vida desse grupo social frente aos acordos econômicos assinados pelo México com algumas das grandes potências mundiais, como os EUA e o Canadá, acirram ainda mais uma pauperização da população indígena, um dos grupos étnicos mais expressivos desse país. Condições estas que cooperaram no aparecimento do

²⁰ A expressão *Zapata* faz referência a Emiliano Zapata (1879-1919) que figurou junto a Pancho Villa (1878-1923) num cenário de lutas no México no início do século XX, conhecido como Revolução Mexicana. Para alguns historiadores, Pancho representava a exploração sofrida pelos camponeses majoritariamente do norte mexicano e Emiliano, por sua vez, os indígenas majoritariamente do sul. Ainda hoje há movimentos que homenageiam essa memória, como o próprio Exército Zapatista de Libertação Nacional. A esse respeito, indicamos a leitura do capítulo “A revolução mexicana” do livro “História da América Latina”, das autoras Maria Lígia Prado e Gabriela Pellegrino.

próprio EZLN em 1994, na Selva Lacandona do estado de Chiapas, numa das mais economicamente pobres regiões mexicanas.

Poderiam, aliás, responder àquela pergunta de vários modos. Mas o EZLN (1994, p.243) responde que *um Zapatista* pode ser um gay em São Francisco, uma mulher sozinha num metrô às 22h, um índio nas ruas de San Cristóbal, um negro na África do Sul, um boliviano em São Paulo...

O EZLN dá indícios, assim, para a dissolução das identidades e a emersão das multiplicidades ao afirmar que um *zapata* é todo aquele ou aquela que, em algum momento, revolta-se com as relações sucateadas que tentam empobrecer as possibilidades da vida (EZLN, 1994). Assim, a ideia do porta-voz esfarela-se e cede lugar a uma aquarela de vozes que implica, necessariamente, a emergência de uma coletividade.

Apostamos nesses indícios fornecidos pelo EZLN por subsidiarem o fortalecimento do caráter andarilho nas nossas relações. Rosane Preciosa (2010) narra-nos a história de um homem-boneco feito de massa de modelar. Seu corpo era movediço. Plástico, era capaz de estar no mundo de formas várias. Entretanto, seu corpo-plástico-de-massa-de-modelar foi levado ao forno. Apresentado a altas temperaturas, nunca mais foi o mesmo. Tornara-se duro, petrificado, enrijecido. A única forma possível de fazer outras composições com aquele corpo-pedra era atirá-lo contra o chão. O corpo, em formato de pó, poderia exercer novamente um caráter de composição.

Avaliamos que viajar é uma forma de atijar relações plásticas num movimento endurecido das certezas. E nossa bússola aponta para certo movimento que se passa no sudoeste mexicano, que parece tornar pó certa crença nas identidades. Nas montanhas de Chiapas, ventos parecem refrescar e fazer-nos pensar como estamos funcionando junto a essa rede de movimentos sociais brasileiros.

Sem ter ou querer encontrar respostas para um mundo, os Zapatistas apontam para a importância do caminhar. Caminhando, tecem alianças, povoam sonhos e compartilham utopias, para que juntos discutam um mundo ainda a ser inventado. É isso que nos interessa. Não temos nem no México nem em nenhum outro canto dessa pesquisa a pretensão de tecer análises universais e finalísticas sobre o que se passa nos lugares ou,

ainda, elucidar verdades que tentam esgotar as forças que estão em jogo²¹. Alinhados com a análise institucional, pontuamos que quem faz a análise são os analisadores já que os analisadores são aquilo que permitem acessar um funcionamento de uma organização (LOURAU, 2014, p.303). Dessa forma desinteressa, para nós, a figura do grande analista ou especialista que atua como o revelador das verdades. Tendo em vista que os analisadores anunciam movimentos e modos de funcionamentos, uma análise é sempre local, datada e situada. Desse modo, ao longo dos caminhos dessa bússola-dissertação, compartilharemos histórias, questões e inquietações que podem funcionar como analisadores na medida em que contribuem ao exercício de pensar às práticas de criação de mundos. Um andarilho, afinal, é um experimentador de mundos, e andarilhar é tratar de uma política de coragem e de composição. É Tratar, sobretudo, de atentar-se aos encontros no próprio curso do andarilhar.

²¹ Sobre isto recomendamos a leitura do livro escrito por Luiz Eduardo Aragon (2007), “*O impensável na clínica: virtualidades nos encontros clínicos*”.

Um Zapata na festa do bairro

Nos últimos dias de dezembro, no sudoeste do México, os bairros mais pobres da cidade de *San Cristóbal de las Casas*, no estado de Chiapas, fazem uma festa. A cidade estava repleta de pessoas, quase todas fantasiadas. Eram tartarugas ninjas, Bobs Esponjas, Chaves e Batmans. Como procissão, o povo seguia os carros alegóricos que iam logo à frente, como que puxando a caminhada. Nos carros havia personagens bíblicos. Parecia-nos que todo o povo daquela cidade caminhava naquele percurso festivo, que cortava a cidade de leste a oeste.

Vimos a movimentação pela porta de onde estávamos. Decidimos caminhar junto àquela multidão. Dois quarteirões de passos bastaram para conhecermos Victor. Acompanhava-o seu irmão e mais duas crianças pequenas. Não demorou até que conhecêssemos as suas respectivas esposas, mães dos pequenos. Antes mesmo do terceiro quarteirão, estávamos todos apresentados.

- *De onde você é?*

- *Do Brasil*, dissemos.

- *Brasil? Branco assim? Achei que fosse Italiano, Canadense, gringo*²².

Sorrimos.

- *Somos latino-americanos então! Mescla de histórias e de gente*, disseram-nos.

Passamos pela praça, seguimos pela calçada, paramos na rua da feira. Nossas conversas compunham certa paisagem político-existencial. Victor conta-nos de um México marcado pela exploração de um norte. Falava em transitar, enquanto mexicano-chiapaneço, por territórios produzidos entre um sul do norte e um norte do sul. É que, da América do Norte, região continental onde seu país se localiza, o México é o mais sulino, o mais mesclado. A mescla era entendida, por certo norte, como uma perda do original, dizia-nos.

²² Gringo, para grande parte dos países da América Latina, refere-se às pessoas provenientes dos EUA. Contam que tal expressão originou-se no México, quando em luta contra a ocupação territorial dos estado-unidenses. Vestidos de verde, os soldados dos EUA eram expulsos aos gritos pelos soldados mexicanos que, em inglês, ordenavam: *green, go!* No Brasil, a expressão gringo é genérica e refere-se a estrangeiros de qualquer nacionalidade.

- *Que original?*, questionamos.

Victor ria. Contava-nos de um México que, ao mesmo tempo, era um norte no sul, por atualizar movimentos de desqualificação com os vizinhos latinos - sobretudo ali na região fronteira com a Guatemala - e um sul do norte, referindo-se à relação, sobretudo, com os Estados Unidos e o Canadá.

Mas como funcionava aquilo?

A risada dele era uma chacota a esses nortes geográficos que tentam ignorar os magnetismos e estabelecer uma verdade única, uma história padrão. Rimos com ele.

Victor não gostava dos que vinham do norte. E chamava-nos a atenção: os do norte podem vir de qualquer ponto cardeal, independentemente da posição geográfica do globo terrestre. O norte global, do qual Victor não gostava, parecia ser um norte da arrogância e da prepotência: o norte que crê portar a verdade. Tal norte foi o que possibilitou, ao longo da história, o massacre das civilizações Maias e Astecas. É esse norte que ainda se esforça em empreender um entendimento binário entre o que é melhor e pior, desenvolvido e subdesenvolvido, fabricando rankings que tentam qualificar e quantificar a vida por medidas calcadas em critérios universais.

Atrás dos carros alegóricos, caminhávamos e celebrávamos a produção de um norte outro; um norte menos nortista e mais aberto às variações. Como o outro, esse norte também pode vir de qualquer direção do planeta, entretanto é, em qualidade, radicalmente distinto do anterior. É local e situado. Um norte com estória. Victor contava que estar atento às variações de um território é o que pode permitir a vida num lugar. Isto é, uma vida não julgada por crivos universais e invasores, mas sim uma vida que se avalia por critérios tão situados e provisórios como o próprio norte.

Victor conta-nos que os índios originários daquele sudoeste mexicano dedicavam-se a pensar nas variações do mundo. Inventaram um calendário e uma organização do tempo em estações. Isso era possível porque dedicavam atenção às variações daquele território. Plantavam, assim, alimentos e cultivavam relações sintonizadas com certos magnetismos. Maia significa amor. E amor pressupõe cuidado. Cuidar é estar atento a essas vibrações, sutis vibrações indicadas por um norte.

Victor continuava a nos dizer que a atenção e o cuidado com os magnetismos, estes que temos aqui e nos transformam provisoriamente naquilo que somos, permitem-nos inventar. Uma colheita de um verão nunca é idêntica à anterior e possivelmente jamais será como a próxima. O que colhemos, dizia, fala de um cultivo pautado em harmonia com os magnetismos vários: os da terra, os do vento, os da chuva, os do sol... Inventamo-nos junto a eles. Se a harmonia muda, isto é, se o mundo muda, nós mudamos também: e o contrário é verdadeiro. O mundo e nós estamos em harmonia, fazemo-nos juntos – contava-nos.

As praças, as calçadas e a rua da feira já tinham ficado pelo caminho. À nossa frente jazia uma Igreja. Ela tinha a beleza com que apenas o barroco mexicano poderia presenteá-la. Como de costume, a porta estava aberta. Entramos.

-Você acredita em Deus? – pergunta-nos.

Gaguejamos. Somos percorridos pelas discussões acadêmicas, por nossas formações não universitárias, pelas certezas e dúvidas de uma vida.

– Sim, respondemos.

- Sou Zapatista.

Lágrimas nos nossos olhos. Para ele, ser Zapatista implicava em ter fé. Nosso olhar lacrimejava de beleza. Algo entre nós atçou uma fé, atçou uma confiança.

- É que ser Zapatista é algo perigoso por aqui, dizia-nos.

Saímos da Igreja e comemos da mais gostosa comida chiapaneca que pode haver. É que, ao final da caminhada da Festa do Bairro, as pessoas compartilhavam um almoço que era servido no horário do jantar.

Anoiteceu.

Em um gesto de cuidado, Victor fez questão de nos levar até o centro de *San Cristóbal*. Antes de nos despedirmos, ele nos avisou que a luta chegou à cidade. Está em todo mundo, afirmava. Mas exige. É que a revolução não faz as compras do fim do mês, lamentava-se. E cumprimentamo-nos afirmando que ser Zapatista, antes de tudo, é ter fé nas forças magnéticas que constroem tanto um lugar quanto nós mesmos.

Apertamos as mãos e os corações.

Prometemos que estaríamos sempre em contato.

Nunca mais nos vimos.

Nunca mais nos desconectamos dele.

Modos de viajar

Há modos múltiplos de entender pesquisa. Certo modo hegemônico²³ de entendê-la a toma por entre caminhos da crença na neutralidade e na imparcialidade, visando a obter um panorama fiel da realidade. Tal entendimento crê em uma ciência que se faz por relações de supremacia da razão em detrimento dos afetos. Dessa forma, um caminho, ou melhor, “o” caminho de pesquisa bem-sucedido seria aquele que planeja passo a passo e, posteriormente, executa o protocolo estabelecido. A realidade aqui é algo pronto, passível, portanto, de definição, delimitação e precisão (MORAES, 2010, p. 32). O controle das variáveis, isto é, o esforço em fazê-las não variarem, é o que diz se uma pesquisa foi bem-sucedida ou não.

O modo de realizar essa pesquisa hegemônica, então, é um modo *metá-hódos*²⁴, isto é, o fim antes do caminhar. Nesse sentido, há um entendimento de uma realidade pronta, já dada de antemão. Com isso, compete a uma bem-sucedida pesquisa realizar uma coleta de dados para refutar ou confirmar uma hipótese. Tal coleta deverá ser neutra, isto é, sem provocar intervenções no que se quer investigar. Tal modo de entender pesquisa é próximo do modo turístico de viajar, orientado por nortes geográficos das certezas e das averiguações. E essa, como já sabemos, não é a nossa aposta.

²³ Márcia Moraes, numa discussão das formas de entender metodologia, denomina tal modo hegemônico exposto também aqui de ‘realismo euro-americano’. A esse respeito ver: MORAES, M. “*Construindo um método e um problema de pesquisa*” In: MORAES, M; KASTRUP, V. Org. Exercícios de ver e não ver – Arte e Pesquisa COM pessoas com deficiência visual, NAU: Rio de Janeiro, 2010.

²⁴ Seguimos junta a primeira das pistas do método cartográfico trazidas por Eduardo Passos e Regina Benevides, em que os autores propõem uma torção etimológica da palavra ‘*método*’ (PASSOS; BARROS, 2009, p. 17).

Pulo do rato

Na cidade chilena de Viña del Mar, Gonzalo contou-nos de um dia de infelicidade na sua vida. Quando na graduação, teve de realizar um experimento com ratos. Ele investigava o comportamento dos roedores depois de submetê-los a seguidas horas de privação alimentar.

Para isso, construíram um labirinto. Junto a seus colegas, entrava madrugada afora pensando cuidadosamente no desenho arquitetônico do experimento. Trocavam ideias sobre o complexo percurso por onde o rato passaria. Traçaram caminhos recheados de armadilhas e rotas sem saída que exigiriam perspicácia do roedor.

Fora quase um mês de regrado sono em função do planejamento do experimento. Findos os trinta dias, tudo estava pronto. O labirinto, já planejado e construído, foi colocado sobre uma mesa. O sorriso dos pesquisadores já era mais marcante do que suas olheiras; prepararam-se para aquele momento. Estavam firmes para uma longa e atenta jornada de anotações sobre os percursos do rato até a saída certa, onde encontraria um pedaço de queijo.

Trouxeram o rato. Cortaram uma fatia do queijo. Tão logo foi colocado na caixa do experimento, ele, o rato, que estava há horas sem se alimentar, avistou a apetitosa refeição do outro lado. Subiu as paredes do labirinto, que lhe emprestaram impulso, e saltou o experimento, devorando o queijo.

O experimento foi reprovado. E o rato findou seu jejum.

Voltando...

A nossa aposta é na potência dos encontros, orientados por nortes magnéticos. Logo conectamo-nos com uma reversão no modo hegemônico de entender estratégias de pesquisa. Se tal modo se acopla com uma concepção *méta-hódos* de entender pesquisa, nós nos conectamos com um modo *hódos-méta*²⁵, que implica a construção do caminho no processo do caminhar. Antônio Machado²⁶, outro poeta latino de além-mar, ao recitar seus famosos versos, concede-nos indícios desse modo de fazer pesquisa, no qual apostamos.

*Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
sino estelas en la mar.*²⁷

Como o poeta, afirmamos um *hódos-méta* que propõe não apenas reversão etimológica da palavra método, como também a criação de outros princípios norteadores de uma pesquisa. Os indícios do magnetismo, novamente, são importantes aqui.

A neutralidade e a imparcialidade não fazem eco. Um *hódos-méta* supõe que um pesquisador e uma pesquisa – isto é, um andarilho e uma viagem – são criados em relação. Assim, não há uma anterioridade e tampouco uma primazia de um sobre o outro. Já por existir, intervimos; e a intervenção implica na negação dessa suposta neutralidade e imparcialidade, caros aos nortes geográficos. É que o processo do

²⁵ Idem 24.

²⁶ *Extracto de Proverbios y cantares (XXIX)*.

²⁷ Andarilho, são teus passos / o caminho e nada mais; / Andarilho, não há caminho, / Se faz caminho ao caminhar. / Ao caminhar se faz o caminho / E ao voltar a ver atrás / Se vê o percurso que nunca / Vai voltar a pisar / Andarilhos não há caminho / Se não as estrelas no mar (tradução livre).

pesquisar e do andarilhar forjam vetores de produção de realidades, sempre em construção (MORAES, 2010, p. 37).

A nossa atenção é com a qualidade dos passos. Se na pesquisa hegemônica há uma preocupação em antever os passos, aqui ela não faz sentido. O planejamento, então, seria menos calcular um ‘passo a passo’ e mais cuidar dos passos, o que implica em atentar-se ao próprio processo de pesquisa, isto é, ao andarilhar. Com o perdão pelo trocadilho, *esse seria o pulo do rato*. Tal cuidado diz do inacabamento das relações: justamente por não estar dada, a pesquisa cuida dos seus passos para não caminhar em territórios da supremacia da razão. Assim, o inusitado e o imprevisto não estão no campo do erro, eles constituem o próprio percurso do andarilhar.

À vista disso, essa pesquisa-andarilhamento não colhe dados: cultiva estórias. A preocupação do andarilho, orientado por nortes magnéticos, não é a de responder a uma questão. Ao contrário, atenta-se para o fortalecimento dos processos de abertura delas. Tais estórias, que nos povoam de questões, são cultivadas no próprio processo do pesquisar, isto é, do andarilhar. São o que dá contorno a essa escrita. O exercício é o de abrir e ser aberto por caminhos mais afirmadores de vida.

III - Ponto cardinal Oeste:

- DAS GESTÕES DA VIDA -

Eu queria usar palavras de ave para escrever.
Onde a gente morava era um lugar imensamente e sem nomeação.
Ali a gente brincava de brincar com palavras tipo assim: Hoje eu vi uma formiga ajoelhada na pedra!
A mãe que ouvira a brincadeira falou:
Já vem você com suas visões!
Porque formigas nem têm joelhos ajoelháveis e nem pedras de sacristias por aqui.
Isso é traquinagem da sua imaginação.
O menino tinha no olhar um silêncio de chão
E na sua voz uma candura de Fontes.
O Pai achava que a gente queria desver o mundo para encontrar nas palavras novas coisas de ver assim: eu via a manhã pousada sobre as margens do rio do mesmo modo que uma garça aberta na solidão de uma pedra.
Eram novidades que os meninos criavam com as suas Palavras. (BARROS, 2010, p.9).

Do crepúsculo

Companheiro, nessa dissertação a viagem começa quando se toma esse trabalho às mãos. Por ser bússola, a leitura pode ser disparada em distintos pontos cardeais. Para nós, pesquisadores-andarilhos, o caminho não tem início: tem entradas.

O crepúsculo é um fenômeno que ocorre tanto ao amanhecer quanto ao entardecer, sempre anunciando uma transição. O ponto cardinal oeste, onde nos encontramos agora, é a direção do crepúsculo vespertino. O liame do pôr do sol, no oeste dessa estrada-dissertação, permite-nos um andarilhar atento ao canto dos pássaros no crepúsculo, isto é, aos cantos que se modulam sintonizados com as variações de cada encontro.

Pomo-nos a andar, inventando espaços públicos de encontros. Quando em Vitória, no Espírito Santo, percebemos a hegemonia de um modo de entender os espaços públicos como lugares desqualificados e desimportantes. Um dos efeitos disso é a produção de certa descrença e desinvestimento nos espaços coletivos. A ocupação de um espaço público na cidade está relacionada a um entendimento de que se está em perigo.

No *Projeto Andarilhos*, percebemos certo modo de entender a situação de rua como sinônimo de crime. Como efeito, a vida das pessoas em situação de rua é igualmente desqualificável e tomada como desimportante e não raramente classificada como delito. Não é por acaso que, lamentavelmente, colecionamos relatos de casos de tortura, estupros e até mortes de pessoas em situação de rua em Vitória.

Ao ser eleita como o lugar do perigo (KUSTER; PECHMAN, 2007), e seus habitantes perigosos, há um desinvestimento do carácter público da rua. O importante seria, nessa direção, uma vida intimista que caminha nos percursos do privado. Nas vias dessa vida asséptica, onde a rua pode ser entendida como um caminho por onde se passa sem deixar rastros, desconfiamos dos esforços para ratificar esse modo de vida, isto é, desconfiamos da dita Guerra às Drogas, dos condomínios privados, da produção do que é crime, dos shopping-centers, dos *fast-full*²⁸ e de tudo que é apresentado como mercadoria, seja um hambúrguer ou uma política de Estado. Tais modos de mercantilizar a vida estão acompanhados de entendimentos hegemônicos e identitários,

²⁸ *Fast-full*, na esteira dos *fast-food*, faz referência a um tudo rápido, um tudo acelerado, atendendo ao tempo apurado e produtivo do capital.

próximos de modos de vida turísticos, orientados somente por nortes geográficos, como apresentamos no ponto cardeal norte.

Tais modos identitários apontam para práticas que transitam, por vezes, entre um suposto cuidado e um controle. Para ganhar chão, pinçaremos, da experiência concreta quando no *Projeto Andarilhos*, a vida das mulheres em situação de rua²⁹. Ao vincularem-se a um parceiro afetivo-amoroso, as mulheres de rua, via de regra, trafegam entre uma proteção e uma agressão do companheiro. A proteção é expressa quando o parceiro a protege da violência dos outros; a agressão, por sua vez, acontece quando atua um entendimento que, presente entre alguns moradores em situação de rua, autoriza a agressão, realizada por esse mesmo parceiro, sobre a mulher. Desse modo, há uma produção que permite, ao mesmo tempo, a proteção e a agressão. Tais relações estão presentes em diversos lugares, não apenas na rua, e supõem certa superioridade do homem-branco-hétero-ocidental-classe-média em detrimento da mulher e de tudo que escapa a esse protocolo. Relações orientadas somente por nortes geográficos e linhas identitárias do que é ser homem, mulher, guardião, esposa, entre outros.

Em tudo que escapa aos protocolos é necessária intervenção, pensa-se. As agressões ao corpo feminino são permeadas por subjetividades produzidas em linhas que entendem que o tal corpo carece de um dono. Convertido em propriedade, esses corpos são desqualificados e podem, caso não seja cuidado à vontade de um mantenedor, sofrerem intervenções atravessados pelo abandono. Tal entendimento toma como uma glória, digna de alegria e comemoração, a existência de um dono. É que as práticas que são orientadas majoritariamente pelo norte geográfico acreditam na natureza das relações do Homem.

Em 2012, foi a público a prática em diversas cidades brasileiras da internação compulsória, isto é, internação contra a vontade do sujeito, que apontava para um modo de tomar a vida na rua e a situação de drogadição como problemas a serem resolvidos à luz de uma lógica intimista e privatizante. Destacamos que, em seguida, *pipocaram* – e ainda *pipocam* – comunidades terapêuticas que prometem *recuperar* os viciados. As

²⁹ Gilderlândia Kunz, coorientadora do *Projeto Andarilhos* por dois anos, desenvolveu uma dissertação que é dedicada a narrar modos de vida da população em situação de rua na cidade de Vitória-ES. Para entender melhor essas questões sinalizadas por nós, sugerimos a leitura desse trabalho. KUNZ, G. “*Os modos de vida da população em situação de rua: narrativas de andanças nas ruas de Vitória/ES*”, 180 f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Institucional), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

práticas da maioria dessas comunidades são baseadas em preceitos moralistas, que reforçam a lógica da Guerra às Drogas³⁰. Frisamos que tais estabelecimentos contam com financiamento estatal e caminham na contramão de uma lógica antimanicomial³¹ e da política da redução de danos, isto é, na contramão de práticas locais e situadas que se atentam à dimensão da produção da vida.

Desse modo, as práticas de cuidado e proteção aproximam-se e até se confundem com práticas de controle sobre o corpo feminino. Uma ação de silenciamento e de transferir ao outro as possibilidades de escolher e gerir a vida é um modo de sucateá-la. A gestão dos amores, dos desafetos e outras sutilezas nada sutis da vida são fundamentais para afirmar a vida em sua dimensão andarilha.

Reafirmamos que, ao discutir tais dinâmicas relacionais, não estamos pensando em responsabilizar os moradores em situação de rua por sua própria condição. Se por um lado, a vida em situação de rua é marcada por relações de violência, há também redes de confiança e solidariedade que mantêm a vida possível de ser vivida. Há mulheres, travestis e gays que não se deixam categorizar. Afinal, não só de nortes geográficos se constituem as relações na rua. O exercício é pensar, a partir da relação com a população em situação de rua, questões que movam esse trabalho, como a questão que se presentifica na vida das mulheres, por exemplo, e, com isso, tentar qualificar redes de afirmação da dimensão andarilha da vida.

Dessa maneira, reafirmamos a questão da diversidade à vida andarilha que envereda pelos campos da experimentação e da invenção. A previsibilidade cara aos nortes geográficos, como a direção das certezas, por vezes contribui na atuação do controle que tenta cessar as variações de uma vida.

³⁰ A esse respeito recomendamos consultar o relatório de pesquisa elaborado pela professora e pesquisadora Fabiola Xavier Leal, vinculada ao Departamento de Serviço Social do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo. O relatório intitula-se “Políticas de atenção às questões relacionadas ao consumo de álcool e outras drogas no Espírito Santo”.

³¹ A lógica antimanicomial, como o nome sugere, refuta a existência dos manicômios. No campo da saúde mental, ganhou força, em meados do século XX, um discurso que promovia uma forma outra de tratamento dos transtornos psíquicos. No Brasil, o movimento da luta antimanicomial propõe, desde a década de 1970, serviços substitutivos às tradicionais internações asilares, nos quais se vislumbra a experiência da loucura como uma das formas de expressão própria do humano. Desse modo, a saúde mental nos dá indícios de afirmar uma vida sem manicômios, isto é, sem prisões. Tais movimentações, no Brasil, culminaram com a outorga da lei federal 10.216/2001 e inspiraram muitos países América Latina afora que ainda convivem com a institucionalidade manicomial. Entretanto, sabemos que é necessário mais, afinal, a mudança de estrutura não garante a mudança das práticas; estas, sim, caras para nós. Há que atentar-se, como propõe Peter Pál Pelbart (1993), para os manicômios e as prisões em nós.

Pensamos que um modo andarilho contribui para o fortalecimento de outro entendimento dos processos de gestão da vida. Nesse modo andarilho, o cuidado implica uma atenção ao presente, isto é, com os magnetismos imanados que forjam uma dada situação. Importam-nos, assim, menos os resultados ou a promessa dos lugares a se chegar, e mais os processos ou os caminhos que estamos percorrendo.

No mundo regido pelas certezas dos nortes geográficos, o desafio é abandonar o peso da moral, suspeitando da seriedade do caráter correto e universal, que obedece piamente a uma hierarquia de valores (CERQUEIRA, 2010, p.14). Dessa forma, as histórias que virão em sequência expressam exercícios de gestão da vida, transitando entre modos turísticos e andarilhos. O crepúsculo, ao chamar nossa atenção para o caráter transitório da vida, convoca-nos a considerar as experiências produzidas no andarilhar.

Uma recepção

Foi uma semana de espera para aquela viagem. A estrada que ligava Buenos Aires a Santiago estava, agora, liberada para a circulação. O motor do ônibus é ligado. Embarcamos. Mais de 24 horas de viagem nos esperam.

Pegamos no sono. Ao despertar, horas depois, avistamos por entre as frestas da cortina da janela uns Andes cada vez mais próximos. Ficamos impressionados de beleza. Não demorou muito para que todo o ônibus, com chilenos e argentinos, contagiasse-se com aquele fascínio. As cortinas foram abertas para que pudéssemos ver melhor as montanhas.

A terra de cor marrom aos poucos ia se pintando de branco. Quando o branco já dominava a paisagem, paramos. Estávamos na Alfândega.

Os policiais chilenos brincavam com belos cachorros. Pomo-nos em fila. Pensamentos de também brincar com os cachorros nos tomam. Na nossa frente, um homem rouba-nos a ideia. As carícias no cão-pólicia rendem-lhe gritos de repreensão.

Ficamos com aquela imagem: de que valeria uma brincadeira se ela não poderia ser compartilhada?

De volta ao ônibus, reiniciamos nossas surpresas com as paisagens, que nos sorriam a cada curva. Preferimos acariciar os Andes.

Pichações de boas vindas

Já é domingo em Montevideú. A cidade está esvaziada. Desde esse dia de março ou maio de 2014, temos dificuldade em obedecer a calendários. Exercitamos o desafio de construir um corpo sensível aos magnetismos do lugar.

O magnetismo acentua nossa agulha de marear nos indícios deixados por um texto³², provocando-nos a pensar no que há na rua, no que há na cidade. Há vida na cidade? Há gente? Certamente haveria. Mas, qual vida? Quais gentes? Aos primeiros raios de sol daquele domingo, lemos a cidade nos muros.

Numa parede, nos arredores de uma das principais avenidas de Montevideú, estava um cartaz que defendia o modelo tradicional e heteronormativo de família e condenava outros modos de organização familiar. Aquilo fez pensar nos dissensos que sacodem as certezas dos nortes geográficos, afinal, estamos num país de certa vanguarda das políticas públicas nas Américas.

A existência daquele cartaz era acompanhada, naquela parede, por pichações contra a legalização do aborto, comparando e colocando em pé de igualdade a interrupção voluntária da gravidez e o assassinato. O fervilhar da discussão tornou-se nítido para nós. O cartaz em defesa da família tradicional e heteronormativa estava rasgado, pichado, contestado. Entretanto, com teimosia, mantinha-se fixo na parede. O que sustenta a permanência daquele cartaz? O que nos anunciam aquelas rasuras?

³² Intitulado “*O que posso nesse poço?*”, o texto em questão é de autoria de Sônia Pinto de Oliveira e outros dez pesquisadores, integrando uma coletânea organizada por Maria Elizabeth Barros de Barros, Elizabeth Andrade Maria Aragão e Sônia Pinto de Oliveira, “*A reinvenção da escola: desafios contemporâneos para o trabalho do psicólogo*”.



Os nortes geográficos das certezas podem guiar, inclusive, os que buscam um lugar mais livre. Ora, aí reside o interessante perigo: não há lugares prontos. A pichação nos apresenta territórios em disputa. A lei, apesar de importante, não garante que fascismos³³ não aconteçam. De súbito, surpreendemo-nos com esse cartaz;

³³ Foucault (1977) diz que o fascismo não se reduz ao fascismo histórico de Hitler e Mussolini, convocando-nos a pensar nos fascismos cotidianos das relações que estabelecemos com o mundo. O fascismo é entendido como aquilo que “está em todos nós, que acoisa os nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar essa coisa que nos domina e nos explora” (FOUCAULT, 1994, p. 134).

surpreendemo-nos porque há em nós nortes geográficos. Entendemos ser importante sacudir tais certezas também em nós.

Optamos por nos conectar com os rabiscos e as pichações que contestam tal cartaz. Os rabiscos sinalizam, para nós, não uma negativa de um modo de organização familiar, mas a afirmação de outros modos de viver e amar e fazer família. No encontro com aquele muro, conectamo-nos com os rasgos.

No crepúsculo daquele domingo, clareado pelos últimos raios de sol, avistamos outras tantas pichações, porém, foi junto ao *Mar del Plata* que presenciamos a maior de todas as pichações àquele cartaz. Dois homens caminham pela orla em companhia de uma criança. Dão um beijo de boas-vindas à noite.

Legalizações dos desejos

No pátio

No pátio da *Universidad de la Republica*, em Montevideu, uma estudante lia um livro. Aproximamo-nos dela e apresentamo-nos. Uma conversaçao brota entre nós.

Ela, discente do curso de psicologia, conta-nos do *Coletivo Ovejas Negras* com brilho nos olhos. Tal grupo não tem uma causa definida de antemão, isto é, não tem uma bandeira única. O Coletivo discute coisas que atravessam a vida naquele território e perguntam, constantemente, “*O que se passa?*”.

Todavia, essa pergunta-questão está atenta para o risco da confusão entre o urgente e o emergente, contava-nos. O primeiro deriva do verbo *urgir* e indica situações que necessitam de intervenções imediatas. O segundo estaria mais ligado ao *emergir*, isto é, ao irrompimento de uma cena em uma paisagem.

O brilho nos olhos da nossa recém-amiga do pátio apontava para um apreço com a avaliação do presente. Naquela conversaçao, somos advertidos para o exercício do cuidado com as urgências: por solicitar ações rápidas e apressadas, por vezes, as urgências comprometem a qualidade da atuação com as cenas que irrompem no cotidiano. Essas ações têm a capacidade de reduzir os graus de análises acerca do que se passa. No entanto, não se trata de um elogio do emergente em detrimento do urgente, continuava. A vida comporta as duas dimensões. A pergunta-questão “*que se passa?*” ajuda-nos a pensar, sobretudo, na emergência das urgências. Com tal pergunta-questão, os *Ovejas Negras* atentam-se e atentam-nos para os magnetismos presentes em certo Uruguai.

Perguntamos: como os encontraríamos na cidade³⁴? Iniciamos, então, uma saga, isto é, uma andarilhagem.

Acompanhados dela, fomos até um departamento da universidade, onde conversamos com um discente. Nesse encontro, foram listados nomes e contatos de integrantes de coletivos e movimentos uruguaios. O docente entrega-nos a folha rabiscada de gente

³⁴ De certo, nós já havíamos os encontrado.

desconhecida e convida-nos, nós e a discente, a participar de uma reunião na qual estaria presente uma integrante do *Ovejas Negras*.

Por ser irrecusável, aceitamos.

Na sala

Pomo-nos a caminhar. Pé ante pé, a companheira discente confessa-nos sua paixão-admiração já outrora anunciada pelos seus olhos brilhantes. É que o Coletivo *Ovejas Negras* teve importante atuação quando da legalização da cannabis e do matrimônio homoafetivo. Integrantes desse grupo, inclusive, ajudaram a redigir algumas dessas leis.

As atuações do Coletivo reverberavam, em nossa amiga, em certa paralisia, sustentadas por relações de admiração-idolatria. Seu rosto corava-se e suas mãos suavam ao nos aproximarmos do local combinado para o novo encontro. O seu rosto em cor de carmim, bem como a umidade das mãos, contrastavam com o nosso desconhecimento infantil³⁵ da atuação daquele grupo. É que nós, andarilhos vindos de outras terras, desconhecíamos certos critérios uruguaios de fama e admiração.

Estacionamos em frente ao lugar marcado para a reunião. Entramos na sala. O docente apresenta-nos a integrante do *Coletivo Ovejas Negras*. Nossa conversa ali, naquele lugar, não se alonga. Trocamos contatos e ela nos indica um encontro-conversa com outro integrante do coletivo.

Findado aquele rápido encontro, nossa amiga discente esboça um sorriso e solta ares do pulmão, relaxando os ombros outrora tensos. A musculatura mais afrouxada fornece pistas que nos permitem acessar um plano de criação de outros sentidos na relação com aquele coletivo.

A importância desse encontro, embora rápido, ficou clara quando a integrante do coletivo coloca em questão os modos tradicionais e, por vezes, partidarizados de se fazer política. Falava que o fazer política implica em visibilizar movimentos para colocá-los em questão. Avaliava que eram importantes certas produções da visibilidade,

³⁵ Ao dizermos infantil, falamos de um modo inocente que desconhece certos códigos. A inocência, assim, ajuda-nos a transitar por certos lugares de formas menos cristalizadas e endurecidas. Nesse trabalho, apostamos na curiosidade pueril que teima em estranhar o mundo e, assim, auxilia os processos de experimentação e criação de mundos outros.

porém, a cristalização da visibilidade em algo ou alguém é prejudicial à saúde dos movimentos que prezam pela potência da vida. Seguiu falando que, não raramente, localizamos uma “causa” em algo ou alguém, isto é, em uma pessoa, em um grupo social, em uma universidade, entre outros. Porta-voz e movimento, localizados por nortes geográficos, convertem-se em “causa” e, simultaneamente, representante da “causa”. Tal movimento, contava-nos, contribui na produção de lideranças e, em casos mais agudos, de mártires, ambos ligados a movimentos de pessoalização de coletividades. Finaliza, assim, afirmando a importância da simplicidade, por não ecoar relações de estrelismos, independentemente de a celebridade ser uma pessoa ou uma instituição.

Os ombros leves e o sorriso nos lábios de nossa amiga discente indicam-nos os dismantelamentos das certezas que outrora cultivavam relações de admiração, que implicavam em uma paralisia e distanciamento de movimentos que se avaliavam potentes. Tais *deslocalizações*, produzidas nesses encontros, contribuem com os movimentos andarilhantes por auxiliarem as experimentações.

No apartamento

Num simpático apartamento a alguns poucos quarteirões da Avenida *18 de Julio*, encontramos com esse outro integrante do grupo. Aqui, nossa amiga discente não mais nos acompanha. Ao menos não fisicamente. Na sala do apartamento, enquanto o esposo do recém-conhecido tecia tapetes, iniciamos uma prosa indicada pela outra integrante do *Coletivo Ovejas Negras*.

Apresentamo-nos, narrando os trabalhos que integramos em Vitória. Em nossas conversas, o que ganha força são as formas como temos nos engajado e militado.

Ele nos faz um questionamento: como estamos nos conectando a isso³⁶ que se passa? Em nossas práticas, preocupamo-nos apenas com o atendimento das reivindicações³⁷?

³⁶ Isso que é local e situado.

³⁷ Aqui nos conectamos com uma discussão alimentada por Peter Pál Pelbart (2013): quando se atenta para uma atuação junto a certos movimentos sociais, preocupa-se com o atendimento de uma reivindicação. As reivindicações podem, a depender da vontade política de um governo, ser prontamente atendidas e, via de regra, produzir políticas de contentamento. Pelbart (2013) chama a atenção para a dimensão do desejo e da impossibilidade de saciá-lo. A reivindicação, em si mesma, não constitui um

As leis e as lutas emergem na conversa. Do casamento igualitário, ele pontua que comumente se fala em casamento homoafetivo. Trata-se, antes de tudo, dizia, de casamento igualitário. É que, ao afirmar um casamento igualitário, afirma-se todo e qualquer tipo de união. Dessa forma, vislumbram-se uniões não só para além das relações heteronormativas, como também para além das relações monogâmicas.

É que a lei está sempre atrasada; e é resposta a um jogo de forças que se passa em dado lugar – é sempre efeito. A validade da lei está na garantia de direitos que não nos são garantidos, contava. Todavia, não é lei que queremos.

E o que se quer?

Olhamo-nos por alguns instantes. Compartilhamos um efêmero silêncio e, por fim, sorrimos: o que se quer ainda não tem nome.

Na parede de um botequim de Madri, um cartaz avisa: Proibido cantar. Na parede do aeroporto do Rio de Janeiro, um aviso informa: É proibido brincar com os carrinhos porta-bagagem. Ou seja: Ainda existe gente que canta, ainda existe gente que brinca (GALEANO, 2010, p.99).

Tanto na legalização da maconha, do aborto e do casamento igualitário, o que se discute é a lei. É o crivo da legalização, do permitido e do proibido. Essa dimensão é a da moral. A vida extrapola isso. Recordamos uma pichação em uma parede não longe daquele apartamento onde a conversa se passava:



problema, entretanto, ela não pode limitar o que se deseja do mundo, até mesmo porque, como afirma Cláudia Abbês Neves (2012), na esteira deleuziana, o desejo é o que cria mundos. Dessa forma, não há mundos prontos e nem desejos estáticos.

Estórias e histórias do aborto

Ao entrar num prédio em Montevideú, uma imagem logo no vão da escada anunciava um tom que aquele encontro produziria em nós.

Naquele lugar funcionava um estabelecimento onde se promovia espaços de discussões e ações no sentido de fomentar os direitos das mulheres. Tínhamos indicação de conhecer aquele espaço de um professor da *Universidad de la Republica*.

De volta à entrada, após subir aquelas escadas, conversamos com algumas mulheres que estavam naquele espaço. Para nós, qualquer pessoa poderia conversar conosco sobre os assuntos que diziam respeito àquele espaço. A maioria das mulheres, entretanto, indicava que conversássemos com uma mulher em específico. Tal pessoa foi uma das fundadoras daquele estabelecimento. Resolvemos, então, acolher a sugestão.

Marcamos horário.

No dia agendado ela nos recebe. Numa sala ampla, diante de uma mesa com incontáveis cadeiras, nossa conversa se inicia. Ela, mulher de mais de meio século de vida, tem histórias no trabalho pelos direitos das mulheres saltando a pele. Conectada virtualmente com o mundo, um *tablet* nos fez companhia durante aquele encontro.

Nos minutos que reservou, conta-nos da luta pela legalização do aborto no Uruguai. Didaticamente divide a história em quatro grandes momentos. O primeiro, que localizava entre 1989 a 2000, período em que surgem aquele estabelecimento e outros grupos no país, foi o momento de legitimidade do discurso. Com ações como rodas de conversa e algumas intervenções urbanas – como peças de teatro, passeatas e saraus – vão fortificando as pautas femininas. É que não é da noite para o dia que uma conquista como a legalização do aborto acontece, contava. O segundo momento é entre 2003 e 2004, período em que é apresentado um projeto de lei para a legalização do aborto naquele país. O projeto foi vetado pela bancada conservadora. O terceiro momento, conta-nos, seria em 2007, quando a lei do aborto foi aprovada no Uruguai e referida à saúde reprodutiva. Porém, nesse momento, é vetada pelo presidente. É quando vários parceiros históricos e outros sem tanta tradição com essa pauta juntam-se para fortalecer a luta pela legalização do aborto. Em 2012, segundo ela, o quarto e último momento, é

efetivamente aprovada a legalização do aborto, chamado de *Interrupción Voluntaria del Embarazo*. Porém, a lei aprovada de 2012 é mais moralista que a de 2007, pondera. A moralização, para ela, expressa-se quando a lei determina que, para uma mulher efetuar um procedimento de interrupção da gravidez, ela terá, obrigatoriamente, de passar pelo crivo de uma equipe composta por psicólogos, médicos e assistentes sociais. Este processo era considerado por ela como um retrocesso na conquista do direito à saúde reprodutiva feminina.

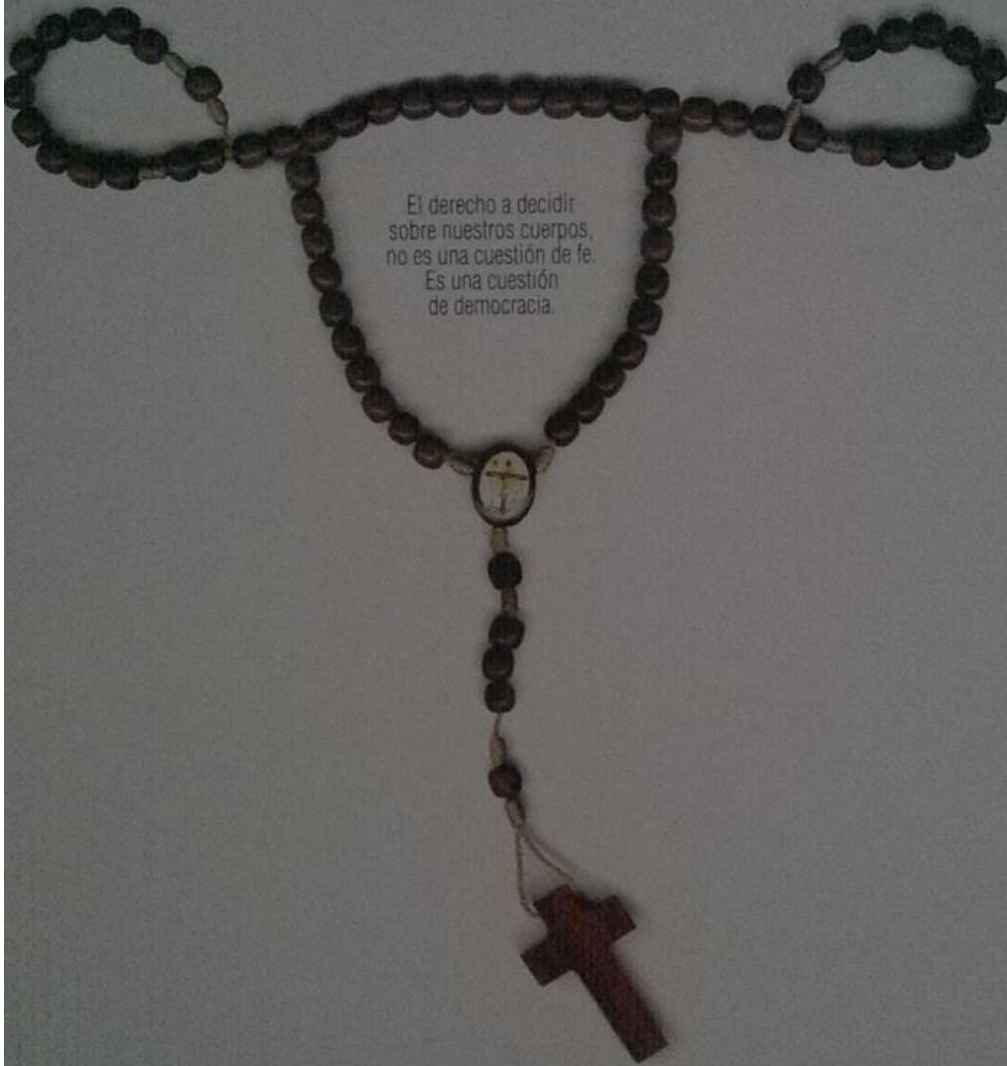
Ainda resgatando certa história, conta-nos que em 2013 o Uruguai viveu uma consulta popular para a legalização do aborto. O resultado expressou um forte apoio à proposta da legalização, o que legitimou os movimentos em defesa da saúde reprodutiva das mulheres.

Relata, ainda, que uma vitória dessa dimensão contribui com a regulamentação do matrimônio igualitário e da legalização da maconha, pois colabora na criação de um território de discussão naquele país, possibilitando a expressão de elementos não hegemônicos que atravessam a vida. Sobre os trópicos auriverdes, pondera sentir uma interferência grande das instituições religiosas no Estado, e conta-nos que os processos de laicidade do Estado uruguaio, na linha da história, deram-se desde muito cedo. Com as forças mais claras, ela considera que é estabelecida outra forma de lidar com conquistas sociais.

A conversa, cronometrada, desenrolou-se numa perspectiva do aborto na linha do tempo histórico. Tal compreensão permite situar os momentos-eixos do debate acerca do aborto e dos movimentos que os circunda num certo território uruguaio. Todavia, desconfiamos, em certa medida, das linhas contínuas que contam a história como sequência de fatos desencadeados e ligados a uma lógica cronológica. Avaliamos serem mais interessantes as histórias tortas, destas não oficiais, produzidas em infames encontros: e nessa conversa, a importância desses inauditos encontros cotidianos ganhou ainda mais energia, afinal, neles há forças magnéticas que podem produzir nortes subversivos, em vez de uma ordem geográfica da razão. Esses encontros, que ela mesma destaca, localizando-os no primeiro dos seus quatro momentos históricos, mas que apostamos serem contínuos, dizem respeito à criação de territórios de afirmação de vida.

Despedimo-nos.

BASTA DE ROSARIOS EN NUESTROS OVARIOS



El derecho a decidir
sobre nuestros cuerpos,
no es una cuestión de fe.
Es una cuestión
de democracia.

CAMPAÑA "TU BOCA. FUNDAMENTAL CONTRA LOS FUNDAMENTALISMOS" ARTICULACIÓN FEMINISTA MARCOSUR

A marcha da educação

A estação *Baquedano*, na Praça Itália, era o ponto de encontro para uma marcha da educação pública e gratuita em Santiago, no Chile. Era um ato que acontecia a cada mês. Uma multidão aglomera-se nos cruzamentos daquela praça e, logo, põe-se a caminhar pela avenida. Acompanhamos. Muitos jovens, crianças e profissionais da educação marchavam. Havia pessoas com faixas chamando atenção à saúde chilena, que como a educação, é privatizada.

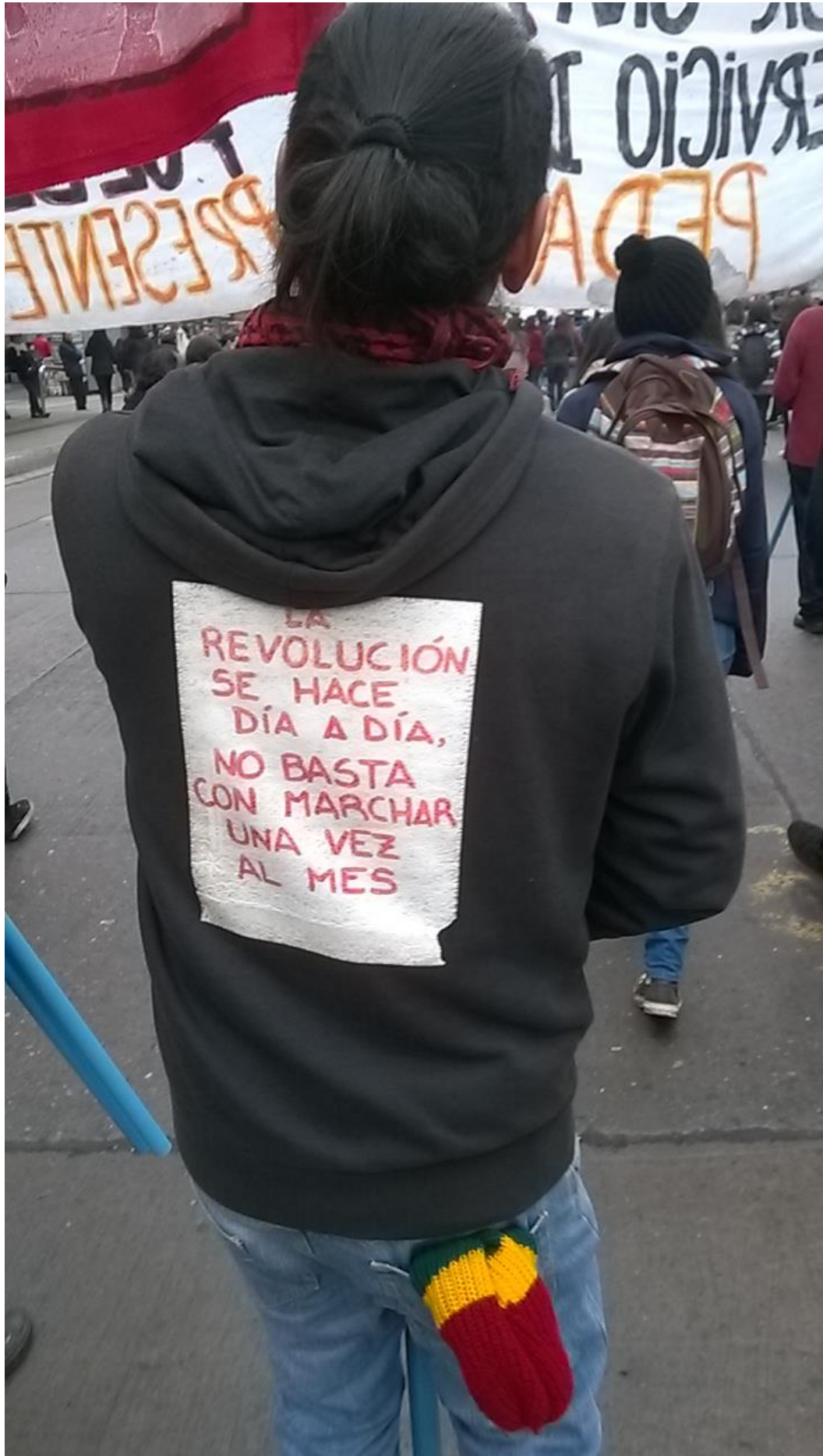
Há quem diga das novas estéticas dos protestos, muito discutidas após junho de 2013, quando uma onda de protestos marcou o Brasil. Essa estética é composta, por exemplo, por cartazes ou frases pintadas no corpo, para facilitar o trânsito das pessoas. No entanto, naquela quarta-feira em Santiago, a estética era outra. Ali eram grandes as faixas e gigantes as bandeiras.

Um rapaz ajudava a segurar uma grande faixa contra a mercantilização da educação. Vestia um casaco que muito nos chamou a atenção. Aproximamo-nos. Uma amizade forja-se entre ele e nós; amizade que se desdobrou em outros andarilhamentos³⁸. Ao longo da passeata, alguns idosos levavam cartazes de apoio.

No fim da marcha havia um palco montado. Entre as falas de sindicatos e militantes federados das instituições de ensino, escutavam-se as canções dos professores cantores. Não durou muito para que a multidão se dispersasse.

Aquela marcha foi televisionada. Nos jornais da TV, parecia ser quase consenso que era legítimo o que se pedia. Entretanto, incomodava-nos certo modo que limitava o apoio aos movimentos estudantis a assisti-los desfilar na avenida. O casaco do nosso mais recente amigo voltou à nossas lembranças.

³⁸ Os andarilhamentos com esse companheiro estão narrados no tópico *Ñuñoa*, aqui no ponto cardeal oeste desta bússola-dissertação.



Baixas grades do militar

No Uruguai, perto de uma grande Igreja evangélica, ficava nas noites um rapaz morador de rua. Poucos dias foram suficientes para tecermos uma amizade. Em nossas conversas, ele nos contou que a polícia sempre o perturbava. Disse que, não raramente, as viaturas policiais passavam em velocidade reduzida para se certificarem de que eles, moradores de rua, estariam ou não dormindo. E confessa que já foi xingado. Nosso amigo relata que nunca foi agredido fisicamente pela polícia, e estranha a pergunta.

Apesar de ser uma cena comum no cotidiano capixaba, no período em que ficamos em Montevideu não vimos policias fazendo ronda a pé, nem a cavalo ou a bicicleta. Nas esquinas, no lugar de policias, hidrantes. Até vimos algumas viaturas e seus policiais, mas sem armamento. O modo deles de lidar com as pessoas parecia sinalizar uma qualidade diferente nas relações. Muito embora não tenhamos circulado pelas periferias uruguaias, não presenciamos ninguém ser abordado ou revistado pela polícia.

Nosso amigo estranha o nosso estranhamento. É que a polícia por lá não é militarizada, isto é, a polícia não tão é marcada por crivos bélicos e de guerra. Falamos, então, das nossas questões frente a isso. Ele, então, olha nos olhos e afirma sentir uma militarização na vida que não necessariamente é localizada na polícia.

Aponta para o outro lado da rua. Portões de lojas gradeados com grossas chapas e baixas grades de ferros que impedem qualquer pessoa de sentar ou deitar naquele lugar. Tais aparatos eram vistos em muitas casas pela cidade. Eram sinais de uma política de segurança.

Ali, sentados no chão, um rapaz a caminho da Igreja vizinha aborda-nos. Pergunta se precisamos de ajuda e o porquê de estarmos ali. A pergunta-preocupação parecia apontar para um incômodo com uma vida que se efetua em códigos outros, isto é, na rua.

Nós e nosso amigo trocamos olhares. É que nesse Uruguai parece que a militarização, que deseja cada coisa em seu lugar, passa por outros caminhos.



Dos encuentros bélicos

Eram tempos da Copa do Mundo. Os sentimentos estavam à flor da pele naquele lugar. Nas televisões de todos os bares e campus universitários, podia-se ver a propaganda³⁹:

- *“Atención, muchachos! Chile mete miedo!”*⁴⁰.

As propagandas reproduziam certo cenário de guerra, onde o Chile era temido. Nos pontos de ônibus, avistamos outras formas de produzir uma ideia bélica. É que na porta de vários ônibus de Santiago a imagem de pessoas com caras sérias repreendiam aqueles que tentavam embargar no coletivo sem pagar pela passagem.

O bélico está em muitas relações que produzimos na cidade. Como escapar desses lugares-guerra?



³⁹ Trata-se de uma propaganda veiculada em diversos canais de comunicação chilenos quando da competição da Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil. Na propaganda, vários países do mundo, nas mais diversas situações, temiam a presença chilena.

⁴⁰ *“Atenção, rapazes! Chile mete medo!”*

Gente cartão-postal

Naqueles frios dias em *São Cristóbal de las Casas*, no estado mexicano de Chiapas, Pedro andarilha nas histórias. Daquelas ruas de pedra e das paredes das casas barrocas, há muito de hoje. O que está em frente aos seus olhos o surpreende. Ouviu dizer que aquelas bandas eram marcadas de pobreza e miséria. Pedro pensa que talvez tais marcas possam estar em outros códigos.

Turistas em todos os lados adornam a cidade. Pela manhã, mulheres indígenas vestidas com saías peludas na altura dos seios saem aos montes das vielas laterais e lotam a praça central daquele lugar com entretenimento. Elas, as mulheres, adornam qualquer um que não seja dali. A cara, o modo de andar, o jeito de estar na cidade anunciam quem é e quem não é dali.

Nos finos antebraços, as mulheres indígenas seguram montanhas de roupas que serão convertidas em renda para elas e em diversão para os turistas. Alguns até registram o feito em vídeos. Um nortista vangloria-se do seu feito: comprou um quilo de roupas bordadas a mão por gramas de pratas desvalorizadas. Pedro intriga-se.

As fotos daquelas mulheres indígenas, dos seus costumes, das crianças pedintes. Tudo fotografável, tudo comercializável. Safari? Logo em frente à praça, ruas lotadas de *souvenirs*. Ali, as mulheres indígenas da praça converteram-se em papel de cartão-postal. Tentativas de aprisionamento num espaço de 10x15cm. No rosto indígena daquela gente, via-se uma foto de olhos esbugalhados, crianças desconfiadas... As expressões faciais das fotografias dão um nó na cabeça de Pedro.

Naquele inverno, o sol esquenta em alguns horários do dia e divide a cena com congelantes ventos das montanhas da Selva Lacandona, a mais de dois mil metros de altitude. Pedro caminha até um vendedor de sorvete. Avalia importante refrescar-se frente aquilo. Em uma bicicleta amarela com duas caixas de sorvete, um sabor coco e outra óreo⁴¹, o vendedor de sorvete parece inquieto. Desconcertado. Ache-se Pedro. Do outro lado da rua, um homem de bermuda clara, meias amarelas na altura das canelas e blusa florida, vestia uma intromissão rara. Agachado, o homem de meia idade

⁴¹ Marca de um biscoito popular no México.

escondia seus olhos por de trás das lentes, enquadrando aquele índio-vendedor-de-picolé na tela de sua câmera fotográfica.

Pedro compra um sorvete. O homem-turista-fotógrafo aproxima-se e pergunta se também poderia comprar sorvete. A pergunta, dirigida a Pedro, não foi respondida. Não por Pedro. É que Pedro avalia que apenas o índio-vendedor-de-picolé o poderia responder. Pedro recusa-se a falar por alguém⁴².

O sorvete, nas mãos de Pedro, não conseguiu desfazer os nós em sua cabeça.

⁴² Michel Foucault, em conversa com Gilles Deleuze (1979), aponta a indignidade de se falar pelos outros. Tampouco fazem disso um elogio às identidades, em que os índios podem falar pelos índios, por exemplo. Atentam para o fato de que, quando se fala, aquilo que se expressa é uma multiplicidade (FOUCAULT, 1979).

Marcha do Silêncio

Quando na *Universidad de la Republica* em Montevideú, fomos convidados por amigos que cursam a graduação em psicologia a participar da Marcha do Silêncio. Trata-se de um evento anual, em memória dos assassinatos de perseguidos e presos políticos⁴³ no período da ditadura militar uruguaia (1973-1985). Naquele ano de 2014, acontecia a décima nona marcha.

Antecedendo a ocupação das ruas, a marcha iniciou-se em vários pontos da cidade com atividades distintas. A faculdade de Psicologia era um dos pontos. Para lá, foram convidados alguns ex-presos políticos torturados naquele período histórico.

Narraram as barbáries que assombraram o Uruguai. Contaram dos aviões que arremessavam os uruguaios e argentinos no *Mar del Plata* para que morressem afogados. Os duros relatos de tortura eram ouvidos, por nós, com imensa indignação com as cruéis tentativas de calar os sonhos e sonhadores que ousam em desejar um mundo outro.

Junto aos relatos eram discutidos qual seriam as funções do Estado? O que ele tem feito? E, frente a isso, o que nós temos feitos de nós mesmos⁴⁴?

A marcha, então, ganha as ruas. Nós vamos acompanhados dos amigos da *Universidad de la Republica*. Arrepios a cada passo. A longa Avenida *18 de Julio* fica tomada de gente. De metros em metros, caixas de som anunciam nomes dos desaparecidos políticos, com as respectivas fotos.

Chegamos a uma praça. A multidão estaciona. Num último ato, todos cantam calorosamente o hino nacional. Estranhamos: o hino não seria uma grande marca nacionalista? Não estaria ligado ao fortalecimento de um Estado-Nação? E o sentimento nacionalista não seria algo caro aos movimentos conservadores e defensores da moral?

⁴³ Há, comumente, uma distinção entre o assassinato político, o preso político e o assassinato ou preso comuns. Reforçamos, junto a Pasetti (1994), que todo preso é um preso político, e ousamos afirmar que todo assassinato – ainda que passional – é igualmente político, nos mais amplos sentidos que esta palavra possa assumir.

⁴⁴ Fazemos referência à questão foucaultiana utilizada por Luiz Orlandi (2002) em um artigo intitulado “*O que estamos ajudando a fazer de nós mesmos?*”

Entendimentos estes corroboraram, inclusive, com a ditadura militar? O que o sentimento nacionalista estaria, ainda hoje, colocando para funcionar?

Nossos amigos entreolham-se.

A multidão dispersa-se, nossas inquietações não.

Uma cerimônia

Uma segunda-feira na movimentada capital chilena nos convoca à rua. A neblina daquele inverno teimava esconder os prédios de Santiago. Desconhecíamos aquela cidade. Cada passo do nosso andarilhar surpreendia-nos.

De dois em dois quarteirões havia estações de metrô. Uma torre gigantesca e iluminada indicava o tamanho daquela metrópole. Passos adiante e deparamos com um lindo palácio. Como se tudo já não fosse grande por demasia, na nossa frente surge uma bandeira chilena de tamanho impressionante. A neblina abrandava-se e permitia ver mais do lugar. No fim do horizonte, um branco: era a cordilheira dos Andes.

Quando o sol já havia dissipado toda a neblina, vimos as cores da cidade, em tons pastéis. Há polícia nas esquinas. Há muitos policiais nas esquinas. Temos a sensação de que, a cada quarteirão, uma multidão poderia ser presa, tamanho os aparados de que a polícia dispunha. Eles, os policiais, sorriam. Do que eles riem?

Um pouco a frente, do outro lado da rua, um prédio chama nossa atenção pela beleza. Suas cores anunciavam vida naquele lugar. Será? Fomos até lá. A beleza do edifício camuflou os policiais que rodeavam todos os lados daquele prédio. Carros inusitados, caminhões-pipa, ônibus para possíveis detidos, entre outros aparatos militares, vestiam aqueles policiais. Nós estranhávamos. A multidão parecia que não.

A porta do prédio estava aberta. Aliás, uma grande porta de madeira. De fato, aquele prédio era radiante de belo. Havia uma recepção e logo à frente outra grande e garbosa porta, esta fechada e vigiada. Tínhamos duas opções: seguir pela direita ou pela esquerda. Fomos pela esquerda. Era um pátio, ocupado por estudantes e acadêmicos que trajavam elegantes ternos. Todos dirigiam sua atenção para um telão. Fomos à direita. Era outro pátio, com coisas e personagens muito próximas às do anterior.

No telão era transmitida uma cerimônia. Vimos, no pátio da esquerda, a presidente chilena discursando. Tratava-se da posse do reitor da *Universidad de Chile*. Michelle Bachelet é interrompida em seu discurso. Uma jovem, em meio aos engravatados sentados naquela cerimônia, dispara gritos. De tão altos, os gritos pareciam sair do telão; podiam ser escutados como se ela estivesse a metros de distância.

Bachelet interrompe o discurso. Com dedo em riste, ordena: “*Respeite a autoridade!*”. Olha para o lado e acena levemente com a cabeça. A câmera foca no rosto da presidente. Abrem-se as belíssimas portas de madeira do nosso lado. Os gritos, que não mais se ouviam pelo telão, podiam ser ouvidos por todos que ali estavam. Dez homens erguiam o corpo daquela jovem e a lançavam contra a calçada.

Nossos olhos esbugalharam-se. Estávamos na sede administrativa da *Universidad de Chile*. Aquele discurso que víamos no telão acontecia no salão ao lado. O aparato repressivo nas ruas ganhou outro sentido: já sabíamos dos movimentos chilenos por educação pública e gratuita.

A moça, atirada ao chão, levanta-se. Um enxame de repórteres a entrevista. Em burburinhos, alguns engravatados, dentro do prédio, cochichavam. Perguntamos, então, como se dava a escolha de um reitor. Eles nos explicam que uma equipe formada por seletos docentes e a presidente da República decidem nomes para a disputa de reitor da *Universidad de Chile*, a mais tradicional do país. Dos nomes escolhidos por essa equipe, há uma eleição entre outros docentes e funcionários do estabelecimento de ensino. Após as eleições, o nome do ganhador passa pela aprovação desta mesma equipe. E completam: o cargo de reitor não é o mais alto da universidade. Ele está abaixo do cargo exercido pela presidente da República, que é a patronesse da universidade. Em nenhum momento a escolha passa pelos estudantes.

Saímos atordoados. Paramos num bar. Na televisão, para a nossa surpresa, estava passando aquela cerimônia que vimos pelo telão. É que a posse do novo reitor foi televisionada, ao vivo, para todo o Chile.

Do Hospital e da Rádio

Uma Cena:

Na calçada, em frente à porta de um hotel em Montevidéu, um homem de meia idade ajoelha-se, interrompendo o fluxo do turismo. O recepcionista ofende-se com a obstrução. O homem, estacionado, segura uma bíblia nas mãos e ensaia rezas.

Gritam-no louco. O jovem recepcionista avermelha-se, irrita-se. Apanha uma garrafa de vidro e vai à calçada expulsar o inconveniente. Levantamo-nos, afinal, não sabemos servir de plateia a uma agressão.

Na rua, colocamo-nos ao lado do, então, louco. A polícia foi acionada e chega à porta do hotel antes de ele terminar a reza. No entanto, a presença dos policiais não muda muita coisa; estavam sem saber o que fazer. O louco não fizera mal algum às pessoas, falava a guarda. A única coisa que poderia ser feita era levá-lo ao manicômio.

- *Manicômio?* Surpreendíamo-nos.

Uma senhora aponta na esquina, chamando o homem ajoelhado pelo nome. Ele se levanta, fazendo descolorir o rosto avermelhado do recepcionista. Tudo estava resolvido naquela noite de inverno. Tudo voltava à sua palidez.

Um convite:

A *Universidad de la Republica* é um ponto de encontro com amigos uruguaios. Em frente à faculdade de psicologia, sempre há uma banca com livros à venda. Aquele ponto era gerido por internos de um manicômio da cidade. Achamos curioso, mas num primeiro momento não nos atentamos muito a este fato, afinal, nossas preocupações naquele país giravam em torno da legalização do aborto, da maconha e do casamento igualitário. Pelo menos era o que pensávamos naquele momento.

Ainda na porta de entrada do prédio da psicologia, após certo tempo de frequentes idas àquela universidade, é-nos feito um convite pelos próprios internos-vendedores-de-livros: conhecer o hospício onde eles residiam. – *Um hospício?* Explicam-nos: é que

dentro daquele hospício em Montevideu funcionava, todos os sábados, uma rádio de alcance nacional, que dizia da vida dos loucos e da luta antimanicomial uruguaia.

Avaliamos.

Não seria sair do roteiro? Aguentaríamos a indignidade de um hospício? Ficamos pensando por várias semanas, até que na última semana na cidade aceitamos o convite.

Uma conversa:

A Rádio *VilardeVoz* funciona no Hospício *Vilardebó*. O estabelecimento existe desde a década de 1880 e dispõe, atualmente, cerca de trezentas vagas. Ao entrarmos no prédio, em companhia de nossos amigos da graduação em psicologia da *Universidad de la Republica* e dos internos-vendedores-de-livros, conhecemos um pouco mais daquele lugar.

De súbito, a ala do eletrochoque horroriza. Cerca de vinte sessões são realizadas diariamente nos internos daquele manicômio. Ao lado dos aparelhos, pendurada na parede branca, uma charge de Mafalda⁴⁵ fala da liberdade. Nossos amigos nos dizem que, para muitos psiquiatras, o eletrochoque, chamado de *eletroconvulsoterapia*, é uma forma de promover liberdade⁴⁶.

A rádio era uma tentativa de romper com tamanha indignidade. Pela manhã, os loucos, isto é, os internos, punham-se em coral. O canto era transmitido ao vivo. Um psicólogo é o maestro; posição essa que, no início, nos incomoda. Aos poucos, outras coisas emergem e põem em cheque a nossa impressão inicial. O maestro-psi vai ganhando outros contornos e certa cumplicidade com os cantantes vai se expressando.

Na rádio, a cada semana, um convidado era entrevistado. Os loucos tomam-nos pela mão e tentam nos levar à cadeira da entrevista. Estamos receosos de ser indelicados, afinal, a pergunta “*O que achou daqui?*”, que certamente seria feita, não teria uma resposta agradável.

⁴⁵ Mafalda é uma personagem de tiras criada pelo cartunista argentino Quino.

⁴⁶ Tal prática não é uma exclusividade uruguaia. Sobre essa questão, indicamos o instigante trabalho de Fernanda Pinto de Tassis: “*Cura, Castigo? – Um estudo sobre a criação da eletroconvulsoterapia (ect) e sua utilização em pacientes no estado do Espírito Santo*”. 95p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

A negativa à entrevista era impossível. Os loucos atacam-se. Querem ouvir, saber de nós o que achávamos daquele lugar. Topamos, desde que fosse uma rápida entrevista.

Ficamos por mais de uma hora conversando.

Falamos do trabalho no *Projeto Andarilhos* em Vitória e dos desejos de conhecer mais dos movimentos que culminaram com os processos de legalização uruguaios, sobretudo os do aborto, da cannabis e do matrimônio homoafetivo. Eles nos perguntam do Brasil: têm curiosidade em saber da reforma psiquiátrica.

Ali, conectamo-nos com certo movimento da luta antimanicomial. A reforma psiquiátrica ressoa em vários lugares. Com o trabalho junto à população em situação de rua, permitimo-nos questionar o modelo asilar dos chamados tratamentos de recuperação nas conhecidas comunidades terapêuticas brasileiras. Frases como ‘tudo que tranca-trinca’, ‘lugar de loucura é na cidade’, entre outras puxadas por movimentos da luta antimanicomial, ressoavam nas nossas práticas no *Projeto Andarilhos*. Não acreditamos em movimentos isolados e preocupados apenas com uma questão bem delimitada e definida. Há linhas que aproximam as questões com as quais trabalhamos, afinal, é de vida que se trata.

Uma moça levanta-se.

Narra-nos dos anos em que viveu nas ruas antes de ser levada ao hospício. Diz dos colegas internos travestis que não participam da rádio em função das altas dosagens de medicamento. A moça conta do aborto que sofreu em uma das sessões de eletrochoque.

Na conversa, uma militante da rádio pontua, como que lamentando, que essa era uma questão uruguaia. Nossos olhos abriram-se ainda mais e dissemos que, para nós, essa é, para além de ser uma questão uruguaia, uma questão de humanidade.

Questões como tortura e cárcere ganham a rádio. Uma jovem conta-nos dos ganhos dos últimos anos em que foi, em alguns casos, reduzida a frequência dos eletrochoques. Eletrochoque é tortura, afirmávamos. E não há como negociar tortura. Negociar a redução do número de sessões não é vitória para nós. Os loucos agitam-se. Alguns choram. É na pele deles que o choque é sentido com mais força.

A louca moradora de rua chora. Falaram para ela que os eletrochoques são bons, apesar de ela não compartilhar da ideia. Perguntamos, juntos, até quando vamos permitir que

decidam por nós? Como romper com a lógica hierárquica, verticalizada, centralizada, que há no mundo, e ainda mais forte naqueles lugares? Como tomar a vida pelas mãos? Eis aí o desafio de tecer uma militância alegre.

Terminamos aquela conversa todos agitados. Antes de nos despedirmos, uma mulher internada naquele lugar aproxima-se e pede para que nós escrevamos coisas em seu caderno. Para ela não importa o que for escrito. Queria poder ver nossa letra e recordar desse dia. Questionamo-nos: como não importa o que será escrito? E ela responde: é que uma lembrança desse dia nunca é qualquer coisa.

De uma amizade

Uma revolução:

Nossa amiga faz uma confidência: não acredita na Revolução⁴⁷.

Ela se põe a falar de certo Uruguai. Contou-nos que Mujica⁴⁸ participou de um movimento armado de guerrilha urbana durante a ditadura militar. O que se acreditava, naquele momento, era na Revolução. Ela, com olhos marejados de lágrimas, pergunta-nos: em nome da Revolução, vale tudo?

Conta-nos uma história político-familiar. Seu avô, pai de seu pai, era um grande colecionador de armas. Mantinha-as em sua casa. O armamento era utilizado nos finais de semana para caça de pássaros e mamíferos, em uma mata perto da cidade.

Antes do anoitecer de um dia de semana, um grupo de homens entrou na casa de seu avô. Os homens integravam um movimento armado que tinha ações militarizadas e lutava pela Revolução frente a um cenário uruguaio de extremo conservadorismo. Eles queriam as armas do avô. O grupo entrou na casa distribuindo tiros; um deles acertou o idoso. Num tiro dado pelas costas, o avô de nossa amiga morreu sem saber o motivo.

A Revolução na qual ela não acredita é aquela que valoriza os marcos da História oficial, entendendo o tempo como uma sequência cronológica. Nessa Revolução também não acreditamos. É porque, contava-nos, os fins não justificam os meios. Naquele outono de 2014, ela afirmava que a vida não podia ser entendida como meio para o fim: a vida é meio pelo meio. São os processos que interessam. Acreditamos que os cuidados com esses processos é que são revolucionários.

⁴⁷ “Revolução” está grafada com inicial maiúscula por se referir a um conjunto de revoluções datadas e localizadas em linhas histórias, nas quais nossa amiga não acredita.

⁴⁸ José Alberto Mujica Cordano, conhecido como Pepe Mujica ou apenas Mujica, foi presidente do Uruguai entre 2010 e 2015. Integrou, quando jovem, guerrilhas e movimentos outros que visavam o combate à ditadura militar no Uruguai. As participações nesses grupos políticos renderam-lhe longos anos de prisão, sendo libertado apenas no final da ditadura uruguaia, em 1985.

Um perdão:

A morte de seu avô nunca foi julgada pela justiça uruguaia. Com extrema coragem, conta-nos de perdão e de ressentimento.

Disse que, recentemente, Mujica, junto a outras pessoas que compunham aquele movimento guerrilheiro, pediram publicamente perdão às famílias das vítimas daquela época.

O pai de nossa amiga jamais perdoou.

Ela sim.

De seu avô pouco conheceu, mas convive com os efeitos de seu assassinato. Conta-nos de pessoas que compuseram aquele movimento e avaliavam que não havia nada do que se desculpar. A estes restava indignação. A quem pede perdão, ela perdoa. Diz que a felicidade não é negação da tristeza, assim como a alegria não é ausência de lágrimas. O perdão é uma aposta numa vida que não nega a memória, tampouco se restringe a ela.

En toma

O colégio ficava entre a *calle*⁴⁹ *Moneda* e a *calle Libertad*. Nas grades, cadeiras foram colocadas. A cada dia que passava, uma coisa a mais aparecia no prédio: uma nova contestação, uma nova pichação, restos de uma nova fogueira.

Toma é o nome que os chilenos dão para quando uma escola está ocupada por estudantes em ato contra o sistema educacional chileno. Aquele era um colégio de ensino secundário, na cidade de Santiago, onde estudavam jovens entre 15 a 18 anos.

Em uma *toma*, os processos educacionais estão em curso. Estão quentes, contam-nos os estudantes. Entretanto, receosos, naquela escola eles não conversavam muito conosco. É que os líderes da ocupação não estavam presentes e os estudantes não se sentiam autorizados para falar.

Para eles, sem permissão, quase nada é feito.

Nós apostamos nesse quase.

⁴⁹ *Calle* corresponde à rua em português.

Uma ocupação

Naquele inverno de Santiago, havia várias escolas em ocupação pelos estudantes. Em uma delas, de ensino médio, fomos convidados pelos jovens a entrar e conhecer mais da ocupação.

A escola era grande, ocupava uma grande área na capital chilena. Um jovem nos acompanhava por todo percurso e dizia-nos que a escola tinha dois ônibus: um velho, que avistamos estacionado ainda na entrada, e outro novo, que não estava ali. É que ele foi retirado do estacionamento da escola, a pedido do diretor. Achamos estranho, a partir do que já experimentamos nas militâncias auriverdes, e questionamos: por que foi retirado o novo e deixado o velho?

O jovem não entendeu nossa pergunta.

Repetimos.

Por fim explicamo-nos: geralmente, pelos nossos andarilhamentos, aprendemos que, quando se tem um processo de ocupação de algum lugar, há movimentos que buscam criminalizar a ocupação. Nesse sentido, às vezes, quando se quebram algumas coisas, esses movimentos ganham força. E explicamos que estávamos estranhando aquele ônibus velho estacionado no pátio; parecia-nos que fora deixado ali para ser quebrado e, posteriormente, ser utilizado para demonizar o processo de ocupação da escola.

Ele franziu a testa e retrucou⁵⁰:

- *“E por que quebraríamos o ônibus? Ele é importante para nós”.*

⁵⁰ O jovem aponta, com sua resposta, para uma ética. Ética no sentido de afirmar o rigor de uma avaliação do que se passa, “o rigor com que escutamos as diferenças que se fazem em nós e afirmamos o dever a partir dessas diferenças. As verdades que se criam com esse tipo de rigor, assim como as regras que se adotam para criá-las, só têm valor enquanto conduzidas e exigidas por problemas colocados por diferenças que nos desassossegam” (ROLNIK, 1993, p.246).

Na Praça

Naquele inverno chileno, repousamos nossos pés e pensamentos numa praça de Santiago. Com andar leve, café nas mãos e mochila nas costas, aproxima-se um jovem rapaz. Pede licença e senta-se ao nosso lado, uma conversa-parceira senta-se junto.

Em nossas mãos, caneta e papel. Nos olhos dele, curiosidade. Ele é discente de direito na *Universidad de Chile*. Falamos de alguns incômodos com certa forma de estar em movimento social. Havia no Chile certa arquitetura de mobilização estudantil, dividida em federações, senados, entre outros espaços estudantis de militância. Uma forma que nós não conseguíamos acessar. Além disso, intrigavam-nos algumas falas correntes de jovens, que afirmavam que apenas estariam no movimento estudantil quando este estivesse forte e organizado.

A preocupação em estar forte, organizado e centralizado na luta – esta, organizada em pautas claras e bem definidas – aticava-nos o pensamento. Afinal, o que é estar forte e organizado? Qual a qualidade dessa força que sustentamos?

Ele, então, compartilha conosco dos nossos incômodos. Diz que a história do Chile, esta oficial e não tão oficial assim, dá pistas para entender certo Chile. O país tem tradição bélica: conta-nos das guerras travadas por territórios contra a Bolívia e o Peru e, posteriormente, contra a Argentina. O Chile foi, por muito tempo, o único país a contar com um submarino nuclear na América Latina⁵¹. E, em termos jurídicos, é legislado pela mesma constituição da época da ditadura militar de Pinochet (1973 – 1990).

Despedimo-nos. Ganhamos histórias, dois livros de Gabriel Salazar⁵² e frescor nas apostas do andarilhar.

⁵¹ A título de exemplo, em toda a América Latina, apenas o Brasil e o Chile dispõem de submarinos nucleares. O brasileiro está em processo de construção no Rio de Janeiro e o chileno foi presente dos Estados Unidos da América ao país, durante o período militar do ditador Augusto Pinochet, que governou o Chile entre 1973 e 1990.

⁵² Gabriel Salazar Vergara é um historiador chileno, professor da *Facultad de Derecho* da *Universidad de Chile*, que propõe um outro modo de entender e fazer História.

Do Hospital Pereira Rosell

Foi-nos indicado, tanto na *Universidad de la Republica*, quanto pelo *Coletivo Ovejas Negras*, conhecer o Hospital Pereira Rosell. Trata-se de um hospital público uruguaio que realiza procedimentos de aborto, chamado por eles de interrupção voluntária da gravidez.

Entramos. No setor responsável pelo procedimento não havia ninguém. As portas estavam fechadas. Esperamos. Uma a uma iam chegando as mulheres. Em duas horas o corredor, outrora bege e vazio, estava repleto dos coloridos rostos das recém-chegadas mulheres, usuárias dos serviços daquele lugar.

Apresentamo-nos a cada uma que chegava. Uma roda de conversa formou-se naquele corredor. Uma das mulheres, de meia idade, segurava nos braços um bebê. Outra, jovem, portava um ar de classe média. Havia, ainda, uma dupla de mulheres: eram mãe e filha, acompanhadas de outra criança de colo. Outra jovem, irreverente, também estava no corredor-roda.

- “*Não faria um aborto, mas acho um serviço importante.*”, dispara a senhora de meia idade.

Ela tem dois filhos – o que trazia nos braços e um jovem de 16 anos de idade. O filho adolescente engravidou uma jovem. A moça não quis levar adiante a gestação e, ali naquele hospital, realizou o aborto.

A mulher jovem se revolta. Ela, que tinha ido para renovar seu anticoncepcional, afirma que nada justifica um aborto. A outra jovem, a irreverente, posiciona-se. Incisiva, diz que nada justifica interferências na decisão da mulher sobre o seu corpo.

O corredor aquece-se.

Alguns estranhamentos se deram: como pode um brasileiro, homem, perguntando tudo isso? Os estranhamentos são justificados por nós: afirmamos uma vida plural e não identitária.

A porta é aberta.

As mulheres que estavam no corredor entram, uma a uma, para serem atendidas. Assim que todas foram acolhidas, entramos.

Uma psicóloga nos recebe e explica como funciona o procedimento. Da chegada da mulher com vontade de realizar a interrupção da gravidez até a realização do procedimento, são necessárias quatro etapas obrigatórias.

A primeira etapa é o recebimento da demanda da mulher, feito por um médico. A segunda etapa consiste em uma conversa com a equipe multidisciplinar, composta por profissionais de serviço social e da psicologia, bem como com um ginecologista. Nesse momento, é explicado para a mulher como funciona a intervenção e seus efeitos. Após essa conversa, é dado um prazo de cinco dias para a mulher pensar e ter clareza da vontade de realizar o procedimento. Na terceira etapa, após esse intervalo de tempo, a mulher assina um termo de esclarecimento dos riscos junto a um ginecologista que, por fim, realiza a intervenção. A quarta e última etapa é uma consulta de controle, realizada dez dias após a efetivação da interrupção voluntária da gravidez. Vale pontuar que, se a equipe avaliar que não é o caso de abortar, o procedimento não é realizado⁵³.

Recordamos a conversa de outrora sobre o aborto⁵⁴. A psicóloga também avalia ser esse modo de trabalhar muito delicado, um fio de navalha – que pode cortar e matar – entre as linhas do cuidado e do controle.

Como pensar práticas que escapem a esses controles e que estejam mais atentas aos magnetismos que se passam em certo território, no caso, no território de decisão das mulheres?

A psicóloga presenteia-nos com alguns materiais textuais sobre a prática do aborto. Conta-nos que há flexibilidade no campo das práxis, por exemplo, quando se considera se a gestação é de risco ou em tempo avançado. Lei nenhuma contempla o fazer cotidiano, lembra-nos. E o fazer pode ser subversivo, se for permeado por sensibilidades magnéticas.

⁵³ Para entender melhor o funcionamento do procedimento e algumas das experiências cotidianas da prática da interrupção da gravidez, sugerimos a leitura do livro organizado por Mónica Gorgoroso: “*Ser parte de la solución...la experiencia de Iniciativas Sanitarias, Uuruguay*”.

⁵⁴ Referimo-nos aqui ao tópico “Estórias e histórias do aborto”, localizada aqui no ponto cardinal oeste desta dissertação.

Ñuñoa

Das entradas:

Ñuñoa é uma região de Santiago distante do centro urbano. Fomos convidados por nosso amigo da revolução cotidiana a conhecer a *Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación*, conhecida como Pedagógico. Nessa região, além dessa universidade, há também os cursos de humanas da *Universidad de Chile*. Pareceu-nos curioso o fato de os cursos de formação política serem afastados do centro urbano.

Marcamos de nos ver as 10h30, horário em que nosso amigo diz acabarem os protestos daquele dia. Caminhamos alguns metros numa avenida em direção ao campus universitário. Nos canteiros, não havia nenhuma flor; só terra e espuma branca. Nossos olhos quase não podiam ficar abertos. É que aquelas espumas ácidas eram rastros da ação policial nos protestos estudantis.

As sofisticadas viaturas dos policiais eram estacionadas num posto de gasolina. Um carro-tanque para jogar água com ácido, um carro menor para dispersar gás lacrimogênio e um ônibus para transportar os policiais. Por vezes, a frota fazia uma espécie de ronda naquela região.

Logo na entrada da universidade, chama-nos a atenção alguns tapumes do lado de pedaços de madeira, guardados num canto. Trata-se dos aparatos da frota estudantil para o enfrentamento com a polícia.

A atmosfera era de um conflito constante e acordado. Os protestos pareciam ser combinados e agendados com antecedência. Afinal, deveria ser organizado aquele movimento. Haveria um *script* para se manifestar?

Das saídas:

Nosso amigo nos conta das dívidas da universidade: é que as universidades no Chile, mesmo sendo estatais, não são gratuitas; o que, para eles, era um vetor que impossibilitava o caráter público.

No meio do campus havia um prédio residencial, que foi construído em uma área que a universidade vendeu para bancar seu funcionamento. Nas construções universitárias, era visível certo descuido com a manutenção, no que diz respeito à infraestrutura e material didático.

Conta-nos que as universidades, para pagar os salários dos professores e dos servidores, cobram mensalidade dos discentes. Quando esse valor arrecadado é insuficiente, as universidades tomam empréstimos de bancos que, em sua maioria, são estrangeiros. Assim, muitas universidades chilenas estão endividadas com bancos espanhóis.

O argumento da privatização das universidades é que o Chile é um país demasiadamente populoso e manter uma educação pública seria custoso para o Estado. Este argumento era julgado inconsistente por nosso amigo.

Para nós, havia uma confusão entre uma política pública e uma política gratuita. Conta nosso amigo que há um entendimento hegemônico de que uma política pública é uma política gratuita, reduzindo assim o caráter público a uma dimensão econômica. Nosso amigo, entretanto, sinalizava para outros modos de se relacionar com o que é público, já que uma política pública está para além do fato de se pagar ou não uma mensalidade no final do mês; ela se faz nas relações. Caminhamos e avistamos jovens com cangas estendidas, vendendo cópias de textos, bonés e recordações de onde estiveram. A comercialização das coisas não era o objetivo, mas um modo de afirmar outra política. As coisas não tinham preço, tinham importância. Podiam ser vendidas por alguns pesos ou trocadas por algo de alguma valia, como outro texto ou outro objeto. Sinalizavam, assim, para uma política de solidariedade e amizade, princípios caros aos exercícios de uma política pública.

Da cannabis

Em Montevideu encontramos Joana. Ela nos conta de alguns incômodos com a propaganda da legalização da cannabis.

Desde a década de 1970, já era permitido o consumo da maconha em território uruguaio, entretanto, nunca houve uma regulamentação do mercado. O que essa lei propõe é o ajuste de um contrassenso entre a legalização do uso e a até então proibição da comercialização. Não há lugares que vendem maconha no Uruguai, contava-nos. A maconha que abastece o país, em sua maioria, vem do Peru e da Bolívia. Ainda há tráfico.

Por enquanto, a lei não está em vigor. É que ainda não há um consenso sobre a legalização da maconha entre os uruguaios. Os movimentos mais conservadores têm força nesse sentido: há muitos que acreditam na tese de que a cannabis é a porta de entrada para outras substâncias, e preferem o proibicionismo. Naquele ano, que era eleitoral, havia o receio de se aprovar leis polêmicas como aquela.

E a vida? Efetivamente a vida não mudou, conta-nos. A lei de 1970 continua não criminalizando os usuários. A repressão, contudo, abrandou. Estes são tempos de transição de modos de atuação; ao menos é essa a vontade.

Rodrigo e a jornada entre as universidades

Uma apresentação:

Quando em Montevideú, conhecemos Rodrigo. Chileno, conversamos dos andarilhamentos América Latina afora. Ele nos presenteia com canções de protesto chilenas e alguns vídeos dos movimentos no país.

Em um desses vídeos, registrava a desocupação, realizada pela polícia, de estudantes na *Universidad de Chile*. Ele é estudante dessa universidade. Nas imagens, desfilavam violências das mais brutais contra os estudantes, que sonhavam com uma educação outra.

É arriscado querer mudar, por menor que seja a mudança, o funcionamento do jogo das coisas, dizia-nos. Entretanto, um espírito jovem aprecia os riscos e flerta com os sonhos.

Um andarilhamento:

Já no Chile, reencontramos Rodrigo. Ele nos apresenta, então, algumas universidades de Santiago. Fomos a alguns campi da *Universidad de Chile* e da *Universidad Católica*, duas das mais tradicionais do país.

De tanto andar, pedimos uma pausa. Em ambas as instituições, não havia lugares para se sentar. Na *Universidad Católica*, avistamos alguns poucos bancos com igualmente poucas pessoas sentadas. As cantinas também não contavam com mesas e cadeiras para tornar as ações de comer e conversar mais confortáveis. Aí estava: a arquitetura daqueles lugares parecia tentar enfraquecer a força dos encontros. No estacionamento, temos uma pista: os luxuosos e velozes carros estacionados indicavam como se andava por aqueles corredores. Um investimento no rápido e no blindado, que caminha pelos territórios dos pacotes turísticos e mercantis, onde o coletivo é desinteressante. Não à toa, havia tão poucos bancos para se sentar.

A Chorona

Conhecemos Ignacia em *San Cristóbal de las Casas*, no sudoeste mexicano. Encontrávamo-nos, sobretudo, ao anoitecer, e ganhávamos as ruas refrescando-nos por entre os encontros pela cidade. Em um desses crepúsculos, Ignacia nos leva a uma taberna: queria apresentar-nos a sua amiga Concita.

Subimos até o segundo piso. Concita, de costas para nós, fumava um cigarro. À sua frente, uma mulher de longos cabelos loiros, com expressões fortes, tal qual tivesse a cara esculpida em madeira. As duas conversavam ao som de uma trova⁵⁵.

Quando nos vê, Concita salta na cadeira. O pulo logo se transforma em um caloroso abraço. Fazia tempo que não encontrava com Ignacia. Uma das últimas vezes em que se encontraram fora há alguns anos, numa festa em *Tuxtla Gutiérrez*, capital da província mexicana de Chiapas. Naquela ocasião, Ignacia havia se assustado porque alguns integrantes do EZLN chegaram com um estoque de armamento para a luta. Concita saíra com sua amiga da festa, e foram horas para consolar a Ignacia, que não parava de chorar, assustada com as munições bélicas.

Novamente no bar, tomamos acento. Ignacia apresenta-nos. Falamos dos nossos interesses no EZLN. Concita e a moça de cara esculpida trocam olhares, suspiram e ensaiam um sorriso, como um flerte com o deboche e a desilusão. As histórias ganham a mesa.

Concita pertenceu ao EZLN durante muitos anos de sua vida. Seu pai era jornalista popular e havia trabalhado junto ao exército zapatista desde antes de 1994, quando o movimento ganhou mundo. Conta-nos que o trabalho de seu pai consistia em tomar nota de tudo que se passava no lugar e repassar as informações a todos do movimento, isto é, aos indígenas que viviam nos caracóis⁵⁶. A aposta era na circulação das notícias para atizar a participação dos indígenas e dos demais integrantes nas discussões do movimento. Com o anúncio do EZLN para o mundo, seu pai foi um dos responsáveis

⁵⁵ Tipo de música mexicana.

⁵⁶ Os caracóis são espaços de resistências criadas no EZLN. O nome faz referência a uma estrutura onde as vozes entram, mas também saem.

pela datilografia dos discursos, bem como por noticiar fatos do cotidiano dos caracóis para os próprios indígenas: o interesse era a vida dos indígenas.

Saudosista, Concita narra os primeiros movimentos do EZLN. Para ela, com o tempo, o movimento foi ganhando em visibilidade internacional e perdendo em capacidade de análise crítica de suas práticas cotidianas locais e situadas. Pulava novamente da cadeira, cuspi na pipoca servida como tira-gosto naquela mesa de bar, e alterava a voz. Falar daquilo era algo que respondia com a sua vida.

Sobre seu pai, continuou a contar-nos: chegou um tempo em que o EZLN formou alianças com vários parceiros internacionais, gente dos cinco continentes. Com essas parcerias, inicia-se uma entrada de dinheiro e, com ele, exigências. Uma dessas era saber o que se passava naquelas bandas mexicanas. Conta-nos que tais acordos afetaram diretamente o cotidiano daquele lugar: seu pai, jornalista popular, discordava daqueles rumos e foi cortado do Exército.

Questionam-nos das informações que são repassadas ainda hoje, quase diariamente, por vias eletrônicas em várias línguas globais, como inglês, francês, português, espanhol. As línguas indígenas perderam-se e o cotidiano ganhou status de menor importância. Nesse terreno, um jornalismo popular já não tem sentido.

A mulher de cara esculpida toma a palavra:

- *Eu sou Zapatista.*

E conta: certo dia, em um sítio onde vive com outras pessoas e cultivam alguns alimentos, chegou um grupo de homens falando que pertenciam ao EZLN. Eles tinham a intenção de ocupar aquela porção de terra. Ela os recebe, serve água e abre um livro. Do livro, conta algumas histórias de exploração dos povos indígenas e das resistências pelos indícios deixados pelos Zapatistas. E afirma: *eu sou Zapatista.*

Ser Zapatista, conta-nos, é entender que se é filho da terra. É ter clareza que terra é inegociável. Dessa forma, não faz sentido ocupar uma terra já ocupada. Faz-se necessário aquecer redes de generosidade entre os Zapatistas: como poderiam estar juntos, já que eram todos Zapatistas? Os homens nunca mais voltaram.

É que nada nos pertence, nem mesmo as histórias. São públicas, são do mundo. Resta-nos cuidar delas.

A mulher de cara esculpida estica o braço, apanha embaixo da mesa um violão e projeta sua voz para o mundo:

*La Llorona*⁵⁷

*Todos me dicen el negro, Llorona
Negro pero cariñoso.
Todos me dicen el negro, Llorona
Negro pero cariñoso.
Yo soy como el chile verde, Llorona
Picante pero sabroso.
Yo soy como el chile verde, Llorona
Picante pero sabroso.*

*Ay de mí, Llorona Llorona,
Llorona, llévame al río
Tápame con tu rebozo, Llorona
Porque me muero de frío*

*Si porque te quiero quieres, Llorona
Quieres que te quieras más
Si ya te he dado la vida, Llorona
¿Qué mas quieres?
¿Quieres más?*

⁵⁷ Música de Chavela Vargas: A Chorona. Todo mundo me chama de Negro, Chorona / Negro, mas carinhoso. / Todo mundo me chama de Negro, Chorona / Negro, mas carinhoso. / Eu sou como a Pimenta Verde, Chorona / Picante, mas saboroso. / Eu sou como a Pimenta Verde, Chorona / Picante mas saboroso. / Ai de mim, Chorona Chorona / Chorona, leve-me ao rio / Cubra-me com o seu xale, Chorona / Porque eu estou morrendo de frio / Se porque te amo quieres, Chorona / Queres que te queira mais / Se já te dei a vida, Chorona / O que mais quieres? / Queres mais? (tradução livre).

IV – Ponto cardeal sul:

- A VIDA DAS PESSOAS NÃO AS PERTENCE -

Os ventos do norte não movem moinhos

E o que me resta é só um gemido

Minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos,

Meu sangue latino, minha alma cativa

Rompi tratados, traí os ritos

Quebrei a lança, lancei no espaço

Um grito, um desabafo

E o que me importa é não estar vencido

Minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos,

Meu sangue latino, minha alma cativa (SECOS E MOLHADOS, 1973).

Ruarizar

Era um verão chuvoso na cidade de Vitória, no sudeste do Brasil. A terra daquele lugar era feita de pedras um pouco menores que a imensidão. Com a chuva, comum naquela estação do ano, houve desmoronamentos. Um deles acertou a casa de uma mulher. Ela tinha duas filhas.

Já sem casa, as ruas de Vitória foram o seu destino. As três ficaram alguns dias por lá. Não se contou uma semana até que o serviço municipal de proteção à família e à criança as descobrisse. As duas filhas foram levadas para um abrigo. A mãe, não. É que uma mãe não expõe os filhos a uma situação como aquela, achavam os servidores daquela proteção que não protegia.

Em todas as horas do dia e da noite, a mulher ficava no portão daquele abrigo, para tentar ver suas filhas. Foram três semanas ininterruptas. A chuva não cessava. A mulher pegou pneumonia. Viu a morte, mas não viu as filhas.

Revirando o tempo

Santiago do Chile, janeiro de 1999. Uma pedra despedaça o vidro da janela do quarto de Lúcia. Ela dormia, ou melhor, sonhava. O barulho do vidro quebrando a acorda. Receosa, pé ante pé, ela se aproxima da janela. Vê uma massa de mãos. Mãos que a convidavam a descer, a colocar seus sonhos na rua.

Lúcia titubeia. Pensa... Pensa. Passa batom, rascunha um cartaz, perfuma-se e desce. Na manifestação, ela encontra um par de mãos com quem passou uma tarde. Lúcia nunca mais foi a mesma. Ter descido valeu a pena.

Lugares de passagem

Cena I - No Aeroporto

No aeroporto de São Paulo, há uma multidão em torno de nós. Tomamos assento. Escutamos um coro de vozes que beiravam um treino, ao nosso lado. Tratava-se de três jovens vendedores, que anunciavam produtos de uma editora de revistas. E, como é próprio dos treinos, acompanhava-os um discurso quase que previsível:

“- *Aceita uma revista, senhor?*”

Com certas variações:

“- *Conhece nossas revistas?*” ou “- *A senhora quer uma revista?*”

Em meio àquela horda de humanos, surge no chão, entre o trio juvenil e nós, um vômito. Os jovens entreolham-se.

O discurso muda.

“- *Senhor, o chão tá vomitado.*”

“- *Senhora, o chão!*”

“- *Senhor, o chão tá sujo.*”

A multidão, também como treino, não dedica atenção à mudança do discurso, espalhando o vômito pelo chão, até o seu desaparecimento.

Cena II - Na rodoviária

Na rodoviária de Buenos Aires, moças perguntam aos transeuntes com o que eles sonham.

Um rapaz responde prontamente: – *Uma casa!* - *Um carro*, disse uma senhora. - *Uma faculdade*, retruca o adolescente. - *Uma viagem*, falou o turista.

As moças acreditavam ter todos os sonhos na mesa de negociações. Uma delas pergunta qual o nosso sonho.

Sorrimos.

Os nossos sonhos certamente não são comercializáveis.

Cena III - Na praça

No outono de Montevideú, repousamos em uma praça. Três homens pedem licença para sentarem-se ao nosso lado. Permitimos. Com uma bíblia em mãos, contam-nos do novo legado: não há Deus apenas.

Contam-nos que Deus criou o homem à imagem e semelhança D'ele, e na terra há homem e há mulher. Assim, concluem, há uma Deusa-mulher.

Empolga-nos o novo legado. Haveria Deus gay, travesti, queer, trans e o que mais fosse?

Os rapazes gaguejam.

Cena IV- De volta ao aeroporto

No aeroporto de Bogotá, Reina estava ansiosa para embarcar no avião. Há dois anos morava em Barcelona, na Espanha. Dois anos sem ver os filhos e as montanhas de San Salvador, sua cidade.

Entre nós uma conversa surge. Perguntamos como era a vida lá e como é a vida cá. Reina descreve-nos as maravilhas de ser salvadorenha na Espanha. Narra-nos das belezas de seu país. Um homem de Curaçau olha desconfiado e pergunta:

“- Desde quando uma latina é bem tratada na Europa?”

Reina retruca.

“- Desde quando uma latina não pode ser respeitada na Europa ou em qualquer parte do mundo?”

Cena V - Uma pergunta:

As cenas reverberam em nós: como estar atento às variações do previsível?

Uma atenção

Em Montevideú, uma amiga conta de uma visita a uma escola, que fez junto ao coletivo que integrava. Havia uma menina travesti num bairro de periferia da cidade. A jovem, que contava pouco menos de quinze anos de vida, teve seu corpo atirado numa fogueira por seu pai. Após sobreviver, com o corpo queimado, era a vez de a escola atear-lhe fogo. Havia um movimento de professores que pediam a expulsão da jovem. Outros, muito embora não soubessem como lidar com a situação, negavam alternativas. Assim, foi solicitada uma intervenção do coletivo o qual ela, nossa mais nova amiga, integrava.

Ela nos diz que, quando na escola, havia perguntas para as quais não tinha muito tato em responder: exigiam-lhe muito. Perguntas como “- *Ela é normal?*”, referindo-se à travesti, causavam perplexidade. Ela conta da importância de estar acompanhada naqueles momentos. No coletivo, quando em uma ação como aquela, via de regra iam em dupla ou trios. Dessa forma, um apoiava o outro nas entradas de certas conversas.

Sobre aquela pergunta a respeito da normalidade, conta-nos da importância de uma calma explicação feita por um parceiro do coletivo. Explicaram que, historicamente, a homossexualidade já foi considerada doença, porém, hoje não é mais entendida como patologia, mas sim como uma expressão dos afetos. E assim construíam outros modos de entender a vida travesti daquela jovem.

A importância das parceiras é fundamental nesse processo: uma troca de olhares, que nos conforta em um diálogo, faz toda a diferença, contávamos. Revoltar-se, sentir-se enojado com algumas pontuações, são formas legítimas e importantes de não banalizar questões tão cruciais como a vida daquela travesti. É fundamental escandalizar-se quando se atear fogo em uma pessoa, seja ela quem for. E, ao mesmo tempo, é importante manter serenidade para não se perder nisso tudo, para inventar saídas nas conversações e não eleger grandes culpados e, portanto, grandes inimigos.

Naquele café ela nos conta desse difícil exercício. Apostava em provocar ressonâncias nas qualidades das relações.

Da vida

Os ventos do sul são cotidianos, simples e cruciais à vida. Há quem acredite que os ventos dessa direção são sazonais, marcando o nascer de novas estações climáticas. Todavia, perguntamo-nos: se os ventos sopraram ontem e antes-de-ontem, e ainda antes de antes-de-ontem⁵⁸, como poderíamos acreditar em tais cortes que se baseiam em uma ideia de origem?

Esse ponto cardeal sul de nossas andarilhagens nos permite acessar, em nossas histórias-trajeto percorridas, não mais o novo, mas sim o *outro*. A novidade é própria do capital⁵⁹; serve como mercadoria aos turistas, orientados somente por nortes geográficos. O novo está intimamente ligado com os movimentos do comércio. O *outro*, ao contrário, está ligado com as experimentações, os devires e as subversões.

No Uruguai, alguns dos nossos companheiros-amigos nos negaram a assinatura do termo de consentimento, entretanto consentiram as histórias. Alguns, ainda, assinaram com a condição de que o documento fosse firmado com o nome de um coletivo, o que implicaria escapar ao plano das personalidades. No Chile, o mesmo se passou. No México, numa mesa de bar, ouvindo a música *La Llorona*⁶⁰, Concita opõem-se a assinar o termo de consentimento. Fala-nos que as histórias contadas ao redor daquela mesa não a pertencem, tampouco não nos pertencem. A história é pública, afirma. E indaga: desde quando alguém pode conceder uma história?

Os ventos sulinos refrescam os sentidos produzidos nos encontros América Latina afora. O que acena para nós é o entendimento de que a vida não é uma posse, tampouco uma propriedade ou um bem. A vida não é, por natureza, atrelada às engrenagens do capital. Afirmar isso é afirmar que a vida desconhece os absolutos de dono e as

⁵⁸ Alimentamo-nos aqui de Clarisse Lispector (1998), quando na epígrafe do ponto cardeal leste desta bússola-dissertação.

⁵⁹ Entendemos que o capital funciona como máquina, produzindo riquezas, mercadorias e subjetividades. Tal maquinaria está intimamente ligada “à instauração, a longo prazo, de imensas zonas de miséria, fome e morte, que parece, daqui em diante, fazer parte do monstruoso sistema de ‘estimulação’ do Capitalismo Mundial Integrado” (GUATTARI, 1990, p. 12). Desse modo, tal arranjo capitalístico é indissociado da produção de existência humana nos contextos sociais (GUATTARI, 1990, p.15).

⁶⁰ Sobre essa narrativa, ver o tópico “A Chorona”, no ponto cardeal oeste dessa bússola-dissertação.

verticalizações das relações de patronato. Assim, a vida, quando não atrelada às engrenagens do capital, não pode apenas ser nova: a vida pode também ser outra.

As experimentações da vida estão conectadas com linhas do público, isto é, com linhas da multiplicidade⁶¹ e da singularidade⁶², sempre coletivas, locais e situadas.

A vida é tecida por meio de várias práticas sociais que se forjam no embate desigual de forças instituintes – forças não hegemônicas – com forças instituídas, isto é, forças hegemônicas⁶³. O embate dessas forças dará contorno ao que Lourau (2004) chama de instituição⁶⁴. Assim, emergem as instituições amor, família, amizade, viagem, militância, entre outras.

Desse modo, a impossibilidade de consentir uma história, como aponta Concita, acontece justamente por que a vida diz de embates de forças que extrapolam o campo das identidades. Ao tomar a vida na dimensão da produção, do coletivo e do plural estamos, necessariamente, abandonando as crenças no estado de coisas internas ou externas a nós mesmos. Não há, dessa forma, plumas de essência ou céus de transcendência (ROLNIK, 2011).

Os encontros, portanto, não são entre pessoas. Os encontros são entre intensidades, devires e forças. A crença no sujeito é uma crença na unidade e na permanência (NIETZSCHE, 1887) e pressupõe noções de interioridade e exterioridade, ambas alinhadas com um entendimento de uma subjetividade-identidade, caras àqueles que se orientam exclusivamente pelos nortes geográficos, ignorando o magnetismo dos nortes.

Os encontros, desse modo, produzem outros sentidos, tanto para os nortes geográficos, quanto para os magnéticos, uma vez que a questão, para nós, não é o norte em si, mas as práticas que o engendram. O exercício, aqui, não é o da negação do norte geográfico,

⁶¹ Multiplicidade, na esteira deleuziana, longe de ser um conceito abstrato, diz de atravessamentos coletivos que não se limitam a um sujeito ou um objeto e que apontam para as diversidades.

⁶² Singularidade diz das diferenças que nos compõe em nossas relações com o mundo.

⁶³ O instituído diz respeito às forças majoritárias e vigentes. O instituinte, ao contrário, diz respeito às forças que estão em vias de instituir-se, isto é, às forças minoritárias e não hegemônicas. O jogo entre essas duas dimensões, como aponta Lourau (2004) faz como que uma instituição seja realidade inacabada, sempre em construção.

⁶⁴ A instituição, para Lourau (2004), “não é um nível da organização social que atua a partir do exterior para regular a vida dos grupos ou as condutas dos indivíduos” (LOURAU, p. 71). A instituição passa por dentro dos liames da vida, produzindo-nos e sendo produzida, ininterruptamente.

mas sim a afirmação dos magnetismos que forjam um caminho a ser andarilhado. A afirmação já faz minguar a hegemonia das práticas que escutam apenas as certezas geográficas.

Com isso, temos consciência de que, ao falarmos e agirmos, como aponta Foucault (1979), estamos atuando como terminais de uma multiplicidade, afinal, não existe mais representação, só existe ação (FOUCAULT, 1979, p 70).

Junto a isso, Félix Guattari (1985, p. 139) afirma que as revoluções no cotidiano inventam uma nova doçura. Tal doçura está ligada a uma sensibilidade subversiva, impossível de ser representada. A subversão é exercitada quando da afirmação das forças magnéticas que polifonizam os sentidos da vida. O caráter subversivo do andarilhar, nas brisas do vento sul, é justamente porque é ação, porque é afirmação e não resposta.

O exercício de fomentar sensibilidades que fabulam novas doçuras está ligado a uma atenção constante aos magnetismos que emanam do chão. Em nossas andarilhagens, exercitamos essa atenção quando nos variados territórios percorridos nessa dissertação. Entendemos, assim, que tal exercício poderia ser compreendido como militância.

Nos rastros de um entendimento hegemônico dos nortes geográficos, a militância é entendida como uma ação programática com regras claras e objetivas podendo ser exercitadas em grupos, comumente concebidos com movimentos sociais. Tais grupos sociais possuem líderes, pautas, atas, membros, apoiadores e outras tantas coisas.

Esse modo de militância, ainda muito atual, por vezes é aprisionado por um modo burocrático, que encerra as ações dos movimentos sociais em um caráter reivindicatório e identitário. A esse respeito, o livro *Urgência das Ruas: Black Block, reclaim the streets e os dias de ação global*, organizado pelo Ned Ludd⁶⁵, defende que:

A chave para entender o papel do militante e do ativista é o sacrifício próprio – o sacrifício de si mesmo pela “causa”, que é vista como algo separado de si próprio. (...) O martírio revolucionário caminha junto com a identificação de alguma coisa separada da sua própria vida – uma ação contra o capitalismo

⁶⁵ Alertamos, aqui, para o caráter fictício da autoria desse livro. O autor Ned Ludd é alguém que ninguém conhece; alguém que se aproxima mais de uma tática de autoria. O livro compõe a coleção Baderna, que aposta na mídia independente e autônoma. Vale dizer, ainda, da relação do nome Ned Ludd com o movimento ludista do início do século XIX, quando os trabalhadores ingleses questionavam o modo de funcionamento das relações de trabalho, na chamada Revolução Industrial.

que identifica o capitalismo como “lá fora” na city é fundamentalmente um engano (2002, p. 31).

E continua dizendo que:

O sacrifício próprio do militante ou do ativista é refletido no seu poder sobre os outros como *expert* – da mesma forma como, numa religião, existe um tipo de hierarquia do sofrimento e da honradez. O ativista assume poder sobre os outros pela virtude de seu alto grau de sofrimento (grupos ‘não hierárquicos’ de ativistas formam, de fato, a ‘ditadura do mais empenhado’). O ativista utiliza a coerção moral e a culpa para ganhar mais poder sobre os outros na teogonia do sofrimento. A subordinação de si mesmo anda de mãos dadas com a subordinação dos outros: todos escravizados pela causa (2002, p. 32-33).

Tal modo de entender a militância caminha junto de modos nos quais não apostamos. Pensamos que a militância pode ser potente não quando é entendida como um especialista da “causa”, colando e grudando à vida num plano raso e pobre, mas quando é aberta e atenta aos magnetismos, reinventando-se como a aurora: cotidiana, simples e crucial à vida.

Esse modo de funcionar na militância estaria próximo aos exercícios de um andarilho. Atreveríamos a pensar o andarilho como militante, no sentido em que ele produz movimentos no *socius*. Uma vez que tem o desafio de ajudar nos processos de criação de passagens e afirmação da vida, o andarilho exercita um caráter xereta. E xeretar,

“(…) implica atentar-se ao que se passa despercebido, em ficar à espreita e vasculhar com insistência por entre as porosidades que nos são apresentadas como muros de concreto armado. Requer manter o corpo em estado de inquietação permanente. Enquanto bisbilhota por entre fissuras, o xereta vai se sujando com as cores, os cheiros e poeiras do mundo. Não é possível xeretar sem ‘outrar-se’, sem contaminar-se com os movimentos na vida, ao mesmo tempo em que estes movimentos são importunados pelas ações que efetuamos. O movimento que o xereta efetua faz a vida diferir, bordando-a com outros matizes [...]. Por isso, xeretar requer abrir-se ao estranhamento dos modos de existência instituídos e banalizados, àquilo que em nós não há respostas prévias e é índice de nossa ignorância” (HECKERT, 2012, p. 248).

Nos rastros de Ana Heckert (2012), apostamos nas forças da vida que atuam na emergência de outras qualidades em nossas relações com o mundo. Relações que subvertem as individualizações, as hierarquias, os especialismos, os racismos, os corporativismos, os machismos e toda e qualquer relação de dominação que tenta reduzir as potências da vida. Relações andarilhas e de militância. Fazer emergir outra qualidade nas nossas relações é produzir um caráter xereta nas filigranas da vida, forjando brilhos que não ofuscam olhos, mas inviabilizam certezas. Como o sol, que

irrompe a noite no leste, uma atuação nessa direção afirma a vida, na sua dimensão pública, isto é, de todos e qualquer um. Caminhando por esses territórios, conectamos com um modo andarilho de militar. Afinal, como já dito, andarilhar não implica em dar a volta ao mundo. Andarilhar é, em princípio, criar mundos.

Tempo revoltado

Brasil. Pedro, com seu par de mãos, pergunta que lugar tem a vida naquilo tudo? Ouviu falas que condenavam quem ia às manifestações para brincar, para ver e sentir o que se passava. Como fazer alianças com tantas pluralidades de mãos? Ele leu num livro que pelejar demais por exato dá erro contra a gente⁶⁶, e sentia que se pelejava para unificar pautas. Era o desejo dos governantes, era um movimento que não compactuava. Ok! A ausência de lideranças pode garantir que não haja um comando, ou ainda, “O” comando. Mas, contra quem e contra o que se protesta? Há um inimigo?

Pedro queria uma vida mais digna, com serviços que permitissem viver uma vida alegre. Aos poucos, foi-se dando conta dos riscos do que se pedia. Era de mais controle estatal que se tratava. *Mas já não somos controlados?* Pensava.

O inimigo eleito era o Estado. Facilmente eleito: vândalo, burla responsabilidades básicas e negligencia direitos de toda uma população, que é renegada à indiferença. Elege os dignos de viver e os dignos de morrer⁶⁷. Mas quem bota isso para operar? Pedro inquietava-se⁶⁸.

Suas mãos, que carregavam sonhos, foram-se dando conta de que os sonhos são diferentes. Há sutilezas imperceptíveis, que acionam fascismos, que ora atuam na direção de uma vida mais alegre e ora atuam na direção de um empobrecimento da vida. Em nome de que queremos essa vida? A que custo esse sonho? Como temos levado a vida?

⁶⁶ ROSA, G. (1994).

⁶⁷ FOUCAULT (1988).

⁶⁸ O questionamento disparado por Luiz Orlandi (2000), na esteira foucaultiana, - “O que estamos ajudando a fazer de nós mesmos?” - conecta-se com Eduardo Passos quando este diz que a violência não só nos atinge como nos atravessa. Diante disso, qual é a nossa implicação nas produções contemporâneas da violência? (PASSOS, 2009, p. 256-257). Assim, trata-se de uma questão de atenção permanente ao que presente, pois “livrar-nos do Estado violador é tarefa mais árdua do que a manutenção ou defesa de qualquer ideologia. É preciso força maior de recusa da lógica da violência que nos pode habitar” (PASSOS, 2009, p. 257).

Tango andarilho

Ao entardecer, fomos convidados a um baile de tango que acontecia numa rua próxima a um mercado de Montevideú.

Aproxima-se um cavalheiro. Tira-nos para bailar um tango. Apesar de não sabermos a arte do tangado, sedemos àquela mão estendida em nossa direção.

Para dançar é preciso suavidade a cada passo. O corpo atenta-se à música, ao parceiro de baile. Íamos misturando-nos. Não havia nem um nem outro: era um nós que dançava.

A dança atíça sensibilidades. Aquele tango inventava outras relações com as homossexualidades. Na pista, casais de homens dividiam a cena com casais heteronormativos.

Naquele baile, as pessoas primeiramente se liam com os olhos; logo após, liam-se em braile⁶⁹. Tal modo de ler corpos e mundos é capaz de desfazer absolutos do reino das identidades e produzir calma frente à tormenta das relações bélicas. E, justamente por isso, os conservadorismos não tangavam. Dessa forma, a letra da lei, como a do matrimônio igualitário, poderia ser, e é, interessante e fundamental. Todavia, é no exercício de uma sensibilidade à ponta dos dedos que os afetos expressam-se e ganham dimensão no real.

A noite acaba, o baile não. Esse tango não finda porque tem a duração de uma vida. Tem a intensidade da afirmação de um modo de vida. E, assim, aquele tango fez-se inesquecível.

⁶⁹ Fazemos alusão aqui à poesia XVII de autoria de Aline Travaglia (2010, p. 33).

Um ponto

Companheiro, as viagens foram longas, os percursos descontínuos. Nossas inquietações, contudo, só fizeram aumentar. Nas discontinuidades das nossas andarilhagens, os encontros funcionaram como “o eixo em torno do qual oscila nossa agulha de marear. Sem ele não há pontos cardeais, nem rosa dos ventos, nem possibilidade de deslocar-se” (ONFRAY, 2009, p. 89).

Tal eixo permite-nos uma conclusão provisória e parcial. O andarilhar é importante como estratégia na produção de vidas sintonizadas com a dimensão inventiva do concreto da realidade. Para nós, é caro o entendimento da produção de subjetividade na direção da afirmação dos processos da constituição dos sujeitos.

A bússola, assim, é um instrumento por nós usado para certa entrada nos territórios das invenções. A imagem do andarilho, assim, alinha-se à afirmação do caráter inventivo próprio da vida. Dessa forma, atentar-se para essa dimensão é também atentar-se para o caráter político das nossas práticas cotidianas. Nesse percurso andarilhante, demos conta que afirmar a política como indissociada do campo das práticas cotidianas implica a afirmação de um cuidado com as nossas relações, forjando, assim, mundos inauditos.

Benjamim (1989, p.138) conta que um artista tem a capacidade de compartilhar uma experiência, enchendo o olho daquilo que não esgota, não cessa de querer ver. Atinamos, dessa forma, para um caráter artístico do andarilho, afinal, afirmar a política como da ordem das práticas é atinar-se, inclusive, para uma dimensão artística (GIACOMEL; RÉGIS; FONSECA, 2004, p.99). O andarilho, assim, faz-se artista quando percebe a indissociabilidade entre encontro, política e in(ter)venção, modulando o campo da vida. Andarilhar implica, assim, uma movimentação no *socius* e convoca a militância a se conectar com as sensibilidades emanadas dos chãos desse percurso, fomentando, dessa forma, as doçuras apontada por Guattari (1985).

Nossas conclusões são parciais porque este trabalho está sintonizado com as processualidades e as emergências das forças que afirmam a vida como força audaciosa e subversiva. Com isso, mais do que negar uma vida sucateada nas linhas do idêntico e do universal, orientada exclusivamente por nortes geográficos, interessa-nos a afirmação de uma vida singular e plural, sintonizada com os nortes magnéticos, os lestes do expoente solar, os oestes dos crepúsculos e os ventos revoltosos do sul. O exercício do andarilhar é, assim, um modo de dizer alegremente sim ao inacabamento do mundo.

V - Casa de forcas

- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -

Eles, entretanto, não nos prometem ou garantem a instantânea e fácil felicidade de quem neles embarcar. São proposições desafiadoras. São pista de pouso sempre acidentado. São convites para buscar outro chão para se pousar o pé (PRECIOSA, 2010, p. 90).

- ARAGON, L. E. P. *“O impensável na clínica: virtualidades nos encontros clínicos”* Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.
- BARROS, M. *“Menino do mato”* São Paulo: Leya, 2010.
- BARROS, M. E. B. *“Uma vida profissional: como manter no peito uma estrela dançante?”* Vitória: Saberes, 2012.
- BAPTISTA, L. *“O veludo, o vidro e o plástico: desigualdade e diversidade na metrópole.”* Niterói: EdUFF, 2009.
- BENJAMIN, W. *“Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo.”* In: BENJAMIN, W. *“Obras Escolhidas, vol. 3.”* São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- CERQUEIRA, M. *“Pobres, resistência e criação: personagens no encontro da arte com a vida”* São Paulo: Cortez, 2010.
- CHAUÍ, M. *“Política em Espinoza”* São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *“Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol.1.”* São Paulo: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *“Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3.”* São Paulo: Ed. 34, 1996.
- DELEUZE, G; PARNET, C. *“Políticas”* In: DELEUZE, G; PARNET, C. *“Diálogos”* São Paulo: Escuta, 1998.
- DE ALQUINO, R. *“Um tempo para não esquecer: 1994-1985”* Rio de Janeiro: Coletivo A; Achiamé, 2010.
- DE OLIVEIRA, S.; DA SILVEIRA, A.; BAPTISTA, G; [et all] *“O que posso nesse poço?”* In: ARAGÃO, E.; BARROS, M.; DE OLIVEIRA. Org. *“A (re)invenção da escola: desafios contemporâneos para o trabalho do psicólogo.”* Vitória: Saberes Instituto de Ensino, 2007.
- DE TASSIS *“Cura, Castigo? – Um estudo sobre a criação da eletroconvulsoterapia (ect) e sua utilização em pacientes no estado do Espírito Santo”*. 95p.. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

DOMINGUES, L. *“À flor da pele: subjetividades, clínica e política no contemporâneo.”* Porto Alegre: Sulinas; Editora da UFRGS, 2010.

EZLN. Documentos y comunicados. *“Los arroyos cuando bajan”*. Tomo 1. México: ERA, 1994.

FOUCAULT, M. *“Os intelectuais e o poder”* In: FOUCAULT, M. *“Microfísica do poder”* Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, M. *“Método”* In: FOUCAULT, M. *“História da sexualidade I: A vontade de saber”* Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. *“Da amizade como modo de vida”* In: MOTTA, M. Org. *“Ditos e Escritos VI: Repensar a política”* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

FOUCAULT, M. *“O sujeito e o poder”* In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *“Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica”*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

FOUCAULT, M. *“Nietzsche, a Genealogia, a História”* In: MOTTA, M. Org. *“Ditos e Escritos II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento”* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

GALEANO, E. *“O Livro dos Abraços”* Porto Alegre: L&PM, 2010.

GIACOMEL, A; RÉGIS, V.; FONSECA, T. *“Que tal um banho de mar...para ativar as potências políticas do corpo!”* In: FONSECA, T; ENGELDELMAN, S. (Org.) *“Corpo, arte e clínica”* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GORGOROSO, M. (Org.) *“Ser parte de la solución...la experiencia de Iniciativas Sanitarias, Uruguay”* Montevideu: Tradinco, 2010.

GUATTARI, F. *“Revolução molecular: pulsações e política do desejo”* Porto Alegre: Brasiliense, 1985.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *“Micropolítica: cartografias do desejo.”* Petrópolis: Vozes, 2005.

HECKERT, A. *“Xeretar”* In: FONSECA, T.; DO NASCIMENTO, M.; MARASCHIN, C. Org. *“Pesquisar na diferença: um abecedário.”* Porto Alegre: Sulina, 2012.

- KOGA, D. *“Medidas de cidade: entre territórios de vida e territórios vividos”* São Paulo: Cortez, 2011.
- KUNZ, G. *“Os modos de vida da população em situação de rua: narrativas de andanças nas ruas de Vitória/ES”*, 180 f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia Institucional), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.
- LANCETTI, A. *“Clínica Peripatética”* São Paulo: Hucitec, 2011.
- LISPECTOR, C. *“A hora da estrela”* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LOURAU, R. *“A análise institucional”* Petrópolis: Vozes, 2014.
- LOURAU, R. *“Objetivo e método da análise institucional”* In: ALTOÉ, S. Org. *“René Lourau: analista institucional em tempo integral”* São Paulo: Hucitec, 2004.
- LUDD, N. *“Urgência das ruas: Black Block, Reclaim The Streets e os dias de ação global.”* Coletivo Sabotagem, 2002.
- MACHADO, A. *Extracto de Proverbios y cantares (XXIX)*, s.l, s.d.
- MONTEIRO, A.; COIMBRA, C.; MENDONZA FILHO, M. *“Estado democrático de direito e políticas públicas: Estatal é necessariamente público?”* Psicologia & Sociedade. 2006, vol. 18, n.2, pp.7-12.
- MORAIS, M.; KASTRUP, V. *“Exercício de ver e não ver: arte e pesquisa COM pessoas com deficiência visual”* Rio de Janeiro: Nau, 2010.
- MPL. *“Não começou em Salvador e não vai terminar em São Paulo”*. In: MARICATO, E.; ROLNIK, R.; [et al.] *“Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil”*. São Paulo: Bomtempo; Carta Maior, 2013.
- NABUCO, J *“O Abolicionismo”* São Paulo: Publifolha, 2000.
- NEVES, C. *“Desejar”* In: FONSECA, T; DO NASCIMENTO, M.; MARASCHIN, C. Org. *“Pesquisar na diferença: um abecedário”* Porto Alegre: Sulina, 2012.
- NIETZSCHE, F. *“Genealogia da moral”* São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ONFRAY, M. *“Teoria da viagem: poética da geografia”* Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

ORLANDI, L. “*O que estamos ajudando a fazer de nós mesmos?*” IN: RAGO, M; ORLANDI, L.; VEIGA-NETO, A. Org. “Imagens de Foucault e Deleuze – ressonâncias nietzscheanas” Rio de Janeiro: DP&A Ed., 2002.

PASSETI, E. “*Da justiça política: a importância do pensamento anarquista de Willian Godwis 200 anos depois*” In: *Revista Margem*, São Paulo, Revista de Ciências Sociais da PUC-SP, 1994.

PASSOS, E. “*O Estado violento em nós*” In: MOURÃO, J. Org. “*Clínica e Política 02: subjetividade, direitos humanos e invenções de práticas clínicas*”. Rio de Janeiro: Abaquer, 2009.

PASSOS, E.; BARROS, R. “*A humanização como dimensão pública das políticas de saúde*” In: *Revista “Ciência e Saúde Coletiva”*. v. 10, n.3, 2005. p. 561-571.

PASSOS, E.; BARROS, R. “*Pista 1: A cartografia como método de pesquisa-intervenção*” In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. “*Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*” Porto Alegre: Sulina, 2009.

PECHMAN, R.; KUSTER, E. “*Maldita rua*” In: XII Encontro Nacional da Anpur: Integração sul-americana, fronteiras e desenvolvimento urbano e regional, Belém, 2007.

PELBART, P. “*A nau do tempo rei: 7 ensaios sobre a loucura*” Rio de Janeiro: Imago, 1993.

PELBART, P. “*Anote ai: eu sou ninguém*” *Jornal Folha de São Paulo*, 2013.

PELBART, P. “*Vida capital: ensaios de biopolítica*” São Paulo: Iluminuras, 2011

PRADO, L; PELLEGRINO, G. “*História da América Latina*” São Paulo: Contexto, 2014.

PRECIOSA, R. “*Rumores discretos da subjetividade: sujeito e escritura em processo*”. Porto Alegre: Sulinas: Editora da UFRGS, 2010.

RAGO, M. “*Dizer sim à existência*” In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. Org. “*Para uma vida não fascista*”. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

ROLNIK, S. “*Despedir-se do absoluto*” In: PELBART, P.; ROLNIK, S. Org. *Caderno de subjetividade PUC-SP*. – v. 1, n. 1 (1993).

ROSA, G. *“Grande Sertão veredas”* Recife: Ed. Nova Cidade, 1994.

SANTOS, M. *“Território e sociedade”*: entrevista com Milton Santos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

SECOS E MOLHADOS, *“Sangue Latino”* faixa 01 álbum “Secos e Molhados” São Paulo: Estúdios Prova, 1973.

TRAVAGLIA, A. *“Poema da destruição”* Vitória: Secult, 2010.

VIEIRA, Z. *“1968: O ano que não terminou”* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

XAVIER, F. *“Políticas de atenção às questões relacionadas ao consumo de álcool e outras drogas no Espírito Santo”* Relatório final de pesquisa, Departamento de Serviço Social, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.